

A Opinião na TSF e na SIC
Notícias: o caso do *Fórum* e do
Opinião Pública.

Caderno de Anexos

Diana Carolina Sezões dos Anjos

Prof. Doutora Nilza Mouzinho de Sena

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Comunicação Social – Vertente de Comunicação Estratégica

Lisboa

2015

Anexo I – As Entrevistas: transcrição e análise

Manuel Acácio – A Apresentação e Edição do Fórum TSF

Posição à data da Entrevista: Editor e Moderador do “Fórum TSF”

Data da Realização da Entrevista: 20 de março de 2014, às 14:00

Local de Realização da Entrevista: Instalações da TSF em Lisboa.

Duração da Entrevista: 46 minutos e 29 segundos.

Entrevistadora (E): A primeira pergunta é mais uma pergunta de caracterização. Queria saber, mais ou menos, há quanto tempo apresenta o Fórum da TSF.

Manuel Acácio (M.A.): Não se chama apresentar...

E: Moderar...

- 5 **M.A.:** (risos) Eu digo editar porque aqui na rádio não há apresentadores. Há jornalistas, não é, que editam os programas e que fazem os programas. Não há ninguém a “estive eu a fazer e depois alguém vai apresentar”, como às vezes há na televisão. Na rádio não há. Eu tive duas encarnações do Fórum. Tudo junto estou para aí há 11 anos. Não. Sim... de 99 a dois mil e (pausa) 2008, 2010... Estou há 9 anos.
- 10 Depois tive um intervalo de dois anos.

E: Como me disse que também era editor do programa. Com que antecedência com que é decidido o tema?

M.A.: No próprio dia.

E: Na própria manhã? E como é que fazem essa selecção?

- 15 **M.A.:** Como é que <eu> faço essa selecção?

E: Sim.

- 20 **M.A.:** É muito simples. É muito simples não; é complicado. O esquema de funcionamento do fórum, para enquadrar e explicar o fórum... Nós não temos equipas de preparação do fórum. Não há equipas de preparação do fórum. A equipa do fórum sou eu e a Fernanda. Ponto final parágrafo. O tema, 99,9 por cento das vezes, o tema é decidido na própria manhã. É anunciado às 9 da manhã e às vezes eu tomo a decisão as 8h30. Qual é o tema. Claro que há dias que eu já sei qual é o tema. Hoje já

sabia que seria a mensagem do Presidente da República sobre as eleições europeias. Ainda por cima era uma coisa que eu já andava para fazer, do que é que as pessoas
25 vão fazer nas europeias? Se é escolher os eurodeputados pensando nas ideias para o parlamento europeu, se é julgar o governo, avaliar o governo e a oposição... Ainda por cima já a andava a preparar isso, ou a pensar em fazer isso. Portanto era simples... mas 99,5% das vezes, o tema é decidido na própria manhã. Por vezes acontece haver um fórum preparado com antecedência. Por exemplo, quando o fórum é fora daqui.
30 Sei lá...*pf...* estou a lembrar de Guimarães, Capital da Cultura. Decidimos fazer lá o fórum. Claro que teve que ser decidido com antecedência, porque temos que pedir uma linha telefónica de alta qualidade, temos que ter um RDIS, pedir instalações, essas coisas todas... Mas, o normal é o fórum ser decidido na própria manhã. Chego aqui à TSF por volta das 6.15, 6.30, leio os jornais... Oiço o que está na antena, o que
35 estamos a fazer... ainda por cima sou chefe de redacção, por isso sei mais ou menos o que estamos a preparar pelo menos para a manhã 1... Oiço o que está na nossa antena, o que é notícia e depois é fazer uma... Um conjunto, uma equação com vários factores e não há propriamente uma fórmula matemática de decidir qual é o melhor tema hoje. É uma ponderação que eu, enquanto editor do fórum TSF, tal como
40 qualquer editor da TSF dos noticiários, faz. Portanto, a lógica é a mesma. Um editor de noticiário, não sou eu que sou chefe de redacção, nem os directores adjuntos, nem o director que vai dizer "*olha, hoje a história de abertura é o Cavaco ou a confusão do lixo em Lisboa*". Ele é que decide. As regras do fórum são precisamente as mesmas. A decisão é minha. Tenho em conta, o que é que é notícia? O fórum tem que ter ali dois
45 factores importantes: um tema que seja interessante e um tema que traga ouvintes... Porque o fórum tem essa dupla dimensão, a opinião dos ouvintes e a opinião dos especialistas, entre aspas, aqui os especialistas. Hoje o fórum foi a mensagem do presidente, só para perceber melhor... Quem é que eu tive como convidados? Tive o Prof. Carlos Jalali, politólogo. Tive o Prof. João Pedro Silva Dias, especialista em
50 assuntos europeus, e depois tive os cinco cabeças de lista. Os quatro dos partidos e o Marinho Pinto, que foi o que já formalizou. Só para dar uma ideia de como são feitos os convites. É avaliado o que é notícia naquele dia, o que está a marcar... a promoção do fórum diz "a actualidade escolhe o tema e nós convidamos os ouvintes e as pessoas". No fundo, é isso. Ver qual é o tema do dia, qual é o assunto importante que
55 está a marcar aquele dia e convocar para isso a opinião dos ouvintes e uma série de pessoas que são ou que têm interesses naquela área, são intervenientes directos naquela matéria, ou que estudam aquela matéria, ou que analisam a questão mais global.

60 **E:** E, por exemplo, disse-me que, às vezes decide o tema só meia hora antes do anunciar...

M.A.: Acontece muitas vezes.

E: Como é que se prepara? Porque como é editor e moderador do programa, tem que ter um conhecimento sobre o tema que vai discutir, para conseguir fazer essa moderação. Como é que em meia hora?

65 **M.A.:** Não é só meia hora... Depois tem mais uma hora.

E: Sim, que o programa em si, começa às 10.

M.A.: A lógica é: eu chego aqui as seis e picos, escolho o tema do fórum. Quanto mais cedo o escolher melhor. Escolhido o tema “e quem é que eu vou convidar?”

E: Exacto.

70 **M.A.:** (pausa pequena) Na pior das hipóteses, às nove tenho que ver o tema, porque vou ao noticiário das nove dizer qual é o tema. A partir daí, ah! Sendo que me esqueci de uma coisa, quando faço a avaliação, quando escolho o tema. E falo com os meus colegas. Quase todos os dias “*Epá, hoje não sei o que hei de fazer. Estou indeciso entre isto e aquilo, o que vocês acham?*” E já houve situações em que eles

75 dizem, “*Epá, mas o melhor tema não seria o tema C?*” “*Epá, não tinha pensado nisso*”. E já me aconteceu. E considerar que a sugestão deles tem lógica. O que não pode acontecer é eu ir para um tema em que não sou... Que acho que não é o tema. Porque <eu> é que vou dar a cara. Eu e que sou o responsável de explicar os ouvintes porque é que acho que aquilo é importante e porque gostava de ouvir a opinião deles.

80 Escolhido o tema do fórum, entra em campo a Fernanda. E qual é a função da Fernanda? Com quem eu também falo também, “o que é que eu faço hoje?, o que é que agente vai fazer?, o que vamos debater?” e ela dá-me a opinião dela. Depois a segunda fase é, quem é que vamos convidar? “*Epá, para este tema, quem é que faz sentido? Vocês sabem quem é um especialista em*”, sei lá, “*em estatísticas do*

85 *Parlamento Europeu*” e não sei quê, pronto... E depois é fazer os convites. Escolhendo eu os convites, depois aí essa parte passa para as mãos da Fernanda. E a Fernanda, com os convites que eu lhe dou, liga para as pessoas: “*Olhe, Prof. Carlos Jalali, gostávamos de o convidar para o fórum! Vamos falar não sei do quê.*” “*Ah, tudo bem. Sim. Não.*” E depois depende de como as coisas correm. Há dias que as coisas

90 correm bem, há dias que as coisas correm mal. Há dias em que os convidados são fáceis de conseguir. Por exemplo, hoje tivemos os cabeças de lista todos e foi muito

fácil. Mas regra geral, isto é muito complicado. Porque não podem, têm mais que fazer naquele horário dez meio-dia para perderem cinco ou dez minutos ao telefone a falar comigo e com os ouvintes. Nesse período de uma hora, enquanto a Fernanda vai
95 fazendo os convites, eu tento preparar-me. Sendo que, quando escolho tema, já li os jornais e somos jornalistas. Somos médicos de clínica geral...

E: E sabem um bocadinho de tudo um pouco.

M.A.: Exacto.

E: E há algum tema em que ache que deve ser mais interventivo? Ou seja, se acha
100 que deve, se calhar, quando é um tema sobre, não sei, sobre futebol, deixar as coisas mais à vontade?

M.A.: Não. As minhas regras são as mesmas para todos os temas. Sou muito rigoroso se os ouvintes estão a falar do tema do fórum. Se não estão a falar do tema do fórum, assumo um papel muito chato e incómodo de os cortar e às vezes sou criticado por
105 isso. Às vezes a fronteira é muito ténue, mas se os ouvintes saltam ali a linha do que em entrar em ofensas, asneiradas, insultos, corto a palavra aos ouvintes (pausa pequena). É um papel complicado, é um papel incómodo, mas é o meu papel, sou o editor do fórum, que é um produto jornalístico, com mediação jornalística. Não é? É um período jornalístico. Portanto, não, como hei de dizer, não altero a minha forma de
110 actuação conforme os temas do fórum. Eu sou o mesmo de sempre, a minha lógica é a mesma de sempre, os temas é que vão mudado e espero dos ouvintes a mesma lógica de sempre. Dito isto, às vezes há excepções. Por exemplo... excepções não, é mais a minha atenção. Por exemplo, momentos de grande intensidade política e de polémica, temas muito complicados, que podem ou não ser futebol, pode ser qualquer
115 coisa que meta o governo, pode ser a polémica "Porto Sporting". Tenho que estar ainda mais preparado para cortar os ouvintes. Mas a linha é muito, é ali muito ténue... Sobretudo se o ouvinte diz "*são todos uns ladrões*" é uma das coisas que eu corto. Se eu não corto imediatamente ali um ou dois segundos a seguir, a seguir já não dá porque já passou. Se eu percebo que a actuação, ou melhor, se o clima do debate
120 está muito quente, eu aí sou ainda menos transigente. Isto é, tentar dar um exemplo... (pausa) Sou menos tolerante nos temas... Queria um exemplo concreto. Mas sou menos tolerante, porque percebo que por causa da temperatura do debate, se eu não corto o primeiro ouvinte que diz "*esses gajos são uns chulos*", o próximo vai dizer outra coisa ainda pior, e acha que pode dizer... Não, chulos já é normal, mas "*são todos uns
125 ladrões*". Se eu não corto uma coisa... Por exemplo, um fórum da televisão, ouvimos e a linguagem é muito menos controlada...

E: A Marta Atalaya [jornalista da SIC, também entrevistada] esteve envolvida numa questão.

M.A.: Mas aí era mesmo uma asneirada... Do senhor que se estava a masturbar...

130 **E:** Sim. Sim...

M.A.: Não, não estou a falar disso.

E: Não chega a esse ponto.

M.A.: Estou a falar de “*os políticos são todos uns chulos, são todos uns filhos da puta, são todos uns ladrões*”. Esse estilo das coisas. Às vezes há ali termos que estão ali no limite, que se o fórum estiver... Se o debate estiver mais ou menos calmo até passa, se eu perceber, e aí joga a experiência. E modéstia à parte, o facto de eu fazer... De ter as costas largas, de fazer isto há muito tempo, acho, modéstia à parte, que os ouvintes me reconhecem que eu faço sempre isso. Não é? E portanto, sinto-me à vontade, tenho essa autoridade de cortar porque corto sempre. Se eu percebo que o debate está ali numa fase muito complicada e que aquilo pode derrapar muito facilmente, sou ainda mais intransigente nos termos utilizados. E regra geral, ao fim de cortar um, dois ouvintes, as coisas acalmam-se. Um diz alguma coisa, imagine, num grau de inadmissibilidade três e eu não corto, a seguir vem um de grau cinco e a seguir virá um com um grau... O meu comportamento é, ou tenta ser, pelo menos igual qualquer que seja o tema.

135
140
145

E: Tendo em conta que o programa tem duas horas, como faz a gestão do tempo? Digamos assim, quanto tempo é que os comentadores, até porque tem vários comentadores...

M.A.: Não há regras.

150 **E:** Não há regras?

M.A.: Não há regras... Não há regras fixas. Tento ter, tento abrir sempre com um comentador, com um convidado. Para simplificarmos a conversa, ouvintes e convidados. Portanto, tento abrir sempre com um convidado, tanto a primeira parte como a segunda parte. Se é uma coisa que envolve o governo, imagine que é uma medida ou proposta do governo, tento ter sempre alguém do governo para defender essa proposta. Se é uma proposta do partido A, tento ter alguém do partido A ou se é do partido C, tento ter do partido C. Se é... Imagine que estou a debater, o anúncio dos cortes ao apoio às crianças deficientes, então interessa-me ter alguém de uma

155

160 associação ou alguém que tenha promovido uma das manifestações que houve, por exemplo, no Porto. Tento que o primeiro convidado ou apresente a proposta que está em debate no fórum ou que tenha uma análise abrangente sobre o tema. Hoje o tema foi o comunicado do Presidente da República, sobre as eleições europeias, foi um politólogo, o Prof. Carlos Jalali e a seguir um especialista em assuntos europeus. Portanto, a lógica é essa. Não tenho a lógica de só posso estar cinco minutos com o primeiro convidado e cinco minutos com o segundo. O programa tem geometria variável e... já me aconteceu estar vinte minutos com o primeiro convidado. Se o primeiro convidado é um... Deixe ver casos concretos. A Ministra da Justiça ou o secretário de estado dos transportes, o Sérgio Monteiro, são casos concretos de casos que já tiveram no fórum, não aqui, presencialmente, mas ao telefone. Estou com eles, <nas calmas>, para mim vinte, vinte e cinco minutos. Estou a fazer o papel de jornalista, que tento ser útil e fazer as perguntas para esclarecer a questão que estamos a debater e dar também dados aos ouvintes. Portanto, não tenho uma regra fixa que é cinco minutos para cada um... Depende da conversa. Depende da conversa, depende do interesse da conversa, depende também do quem é o entrevistado.

175 **E:** Exacto.

M.A.: Se estamos a falar de, imagine, se estamos a falar de, agora para falar de um caso concreto, dos apoios à terceira idade e dos velhotes abandonados, se eu tenho a presidente do instituto de segurança social... Não, no ultimo fórum nem foi isso, foi sobre a violência sobre as mulheres. E as condições de apoio às mulheres vítimas de violência doméstica e tive a Presidente do Instituto de Segurança Social, então faz sentido que eu não esteja muito preocupado com o tempo "*Epá, só pode ser cinco minutos*", a minha preocupação é jornalística e é ter notícia, ter esclarecimento e ajudar também os meus ouvintes com isso. Regra geral, o fórum tem dois convidados na primeira parte e três na segunda. Hoje por exemplo, teve 3 na primeira e 4 na segunda.

185 **E:** Portanto, é bastante variável.

M.A.: É muito variável, depende dos temas, depende... E também depende de como as pessoas reagem, tendo eu aquele tempo para gerir. Mas esta minha lógica é discutível, como tudo é discutível e criticável e às vezes sou criticado pelos ouvintes. Imagine que tenho alguém do governo ou de um partido qualquer que tem uma proposta, eu pergunto "*qual é a sua opinião sobre este tema?*". "*Ah, nós achamos que patati patata.*" "*Como é que vai, já tomaram decisão como vão votar esta proposta*

195 *mais logo no parlamento?" "ah, [não me convém responder¹]." Se não respondem, eu insisto. "Desculpe, não percebi. Vai votar? Não vai votar?". "Pois, a questão é muito complicada". Já me aconteceu fazer a mesma pergunta, porque depois me chatearam com isso e gozaram comigo os meus colegas, cinco vezes. Tive um colega que me disse "pá, já estava faaarto. Se fosse comigo, tinha-te dado um pontapé". Eu disse "é verdade, mas qual é a resposta que está no ar e que deu notícia?". "Ah, foi à quinta vez"; "Pois foi". Mas é uma lógica pessoal, portanto, o programa vive muito da forma*

200 como o editor gere o programa.

E: por acaso, relativamente aos ouvintes, acha que o nível de audiência media do programa influencia de alguma maneira a sua escolha do tema?

M.A.: Não.

E: Não?

205 **M.A.:** Não, porque eu nunca sei.

E: Não tem curiosidade em saber?

M.A.: Não é isso. Eu não sei o que é que... Ou seja, eu não posso... É preciso fazer aqui uma... É preciso cruzar dois dados: um tema interessante e que suscite o interesse das pessoas. Eu nunca sei o que... Se as pessoas acham aquele tema

210 interessante, se não é... Tento programar programas, algumas experiências. Ou melhor, algumas certezas, é mais intuições, algumas convicções barra intuições, fóruns sobre temas internacionais é difícilimo. É difícilimo. Ainda há pouco fiz um fórum sobre o papa, até o meu pai que tem a quarta classe e a minha mãe que tem a terceira classe podiam falar e inscreveram-se para aí... Quinze ouvintes. Pouquíssimo.

215 Fóruns de assuntos internacionais, muito difícil ter ouvintes. Fóruns de cultura, muito difícil ter ouvintes. Muito difícil no sentido de ter muitos inscritos. Curiosamente, educação, barra ciência, mas mais educação, mais porque faço mais de educação do que ciência, também é difícil ter ouvintes. O que para mim é curioso.

E: Em média, quantos se inscrevem?

220 **M.A.:** Depende muito. Vinte e tal, quarenta e tal. Depende do tema... Mas só explicar... Eu não posso condicionar o tema do fórum [pausa grande] Como eu ponho isto de uma forma que exprima de facto o que eu penso? Eu não posso escolher um fórum porque sei que vai ter muitos ouvintes. Ou seja, eu já sei ou sabia que, segunda-feira,

¹ Fala reconstituída tendo em conta a intenção do entrevistado

que falei do encontro do entre o Passos Coelho e o António José Seguro, tinha muito
225 mais ouvintes se falasse da bronca entre o Porto e o Sporting. E não fui para o
Sporting Porto, porque achei que o outro tema era muito mais importante. A
expectativa para o encontro entre o primeiro-ministro e o líder do maior partido da
oposição, e candidato a primeiro-ministro. Portanto, eu não condiciono o tema do
fórum por aquele que eu sei que tenho mais ouvintes. Quanto estou a escolher o tema,
230 tenho cuidados acrescidos quando são temas internacionais, porque já sei que aí, ou
de cultura, porque já sei que aí é muito mais difícil ter ouvintes. Não sei se me estou a
fazer entender...

E: Sim, sim.

M.A.: Eu não vou para o mais fácil, mas tenho que ter noção que alguns são
235 complicados. Às vezes faço-os à mesma. Tenho é que me preparar melhor, ou seja,
no fórum sobre o Papa, o balanço do primeiro ano de pontificado, convidei seis ou
sete... Comecei por convidar quatro, mas vimos que havia poucos ouvintes e
passamos a convidar mais. Né? Portanto tenho é que me preparar melhor. Se é um
fórum, imagine, sobre cultura, ah, então quero um convidado <aqui>. Aqui em estúdio,
240 para ter uma conversa, e ter ali uma rede de segurança. Portanto, o condicionamento
dos ouvintes é muito mais porque eu sei que há uns temas mais complicados do que
[outros]. "*Epá, ali já sei que vou ter cinquenta ouvintes e é para ali que vou*". Não. O
critério é jornalístico. Tem que ser jornalístico.

E: E por acaso já houve algum tema que não foi discutido porque achou que seria...
245 "quente" demais? Ou sensível...?

M.A.: Não. Não há temas *tabus*. Posso escolher o tempo em que debato aquele tema.
ah.... Estava a ver se me lembrava de um exemplo em concreto...

E: Imaginemos, por exemplo, o tema da co-adopção...

M.A.: Não, já debati.

250 **E:** Mas por exemplo, se sentiu... Sentiu que não devia debater em determinada altura,
debater mais tarde?

M.A.: Não, não, não. Não. Estava a pensar, já não me lembro... não me lembro qual
foi o tema... (pausa grande) ah... Mas isto é muito mais do que eu estou a pensar, é
muito mais a nível de política. Imagina, eu não me lembro quando foi.. Mas foi no
255 tempo do Sócrates... Houve uma polémica, daquelas acusações... Mas em falando em
abstracto que eu não me estou a lembrar agora em concreto. Imagine que há uma

acusação... ah, denúncias, uma daquelas coisas que vem nos jornais, não sei que... Sei lá.

E: Fez uma cadeira a um domingo...

260 **M.A.:** Fez uma cadeira a um domingo é um bom exemplo. Relvas. pronto...

E: Sim...

M.A.: Se eu acho que há ali poucos dados. Outro exemplo, lembrei-me agora dum exemplo. Daquele miúdo, julgo que de Braga, que se atirou ao rio e morreu aí há dois ou três anos... E que seria vítima de *bullying*.

265 **E:** Lembro-me.

M.A.: Não é este agora que se suicidou, foi aquele que se atirou.

E: Sim...

270 **M.A.:** Eu achei que na altura a história não estava segura. Aquilo, eu como jornalista, achei que aquilo não tinha dados suficientes para debater a questão naquele momento e não debati. ah... em termos políticos, se o homem fez o curso à segunda, à terça ou foi lá fazer o exame ao domingo, se o outro não sei o quê. Se eu achar... ou seja, não é por uma questão de ser muito polémica, estar nas redes sociais toda a gente a dizer “*e o gajo é um ladrão e o gajo é um aldrabão*”, não é por isso que vou fazer aquele tema. Não o faço pela questão ser incómoda, ou poder ser incómoda, não o faço porque como jornalista a minha avaliação é que não tenho ali dados sustentados para debater aquele tema. Em todos estes casos, fiz o debate quando eu achei que já havia dados para debater o tema.

275

E: E durante esses debates, há um momento em que pensa é melhor não dar a minha opinião, vou ser imparcial...

280 **M.A.:** Nunca dou a minha opinião.

E: Não é tanto dar a opinião, é mais deixar perceber mais ou menos qual é a sua posição face aquele tópico... De certeza que deve ter uma posição face ao temas que debate.

285

M.A.: Falando com aquela lógica de jogador de futebol, que falam deles na terceira pessoa, eu tenho opiniões. Eu voto. O editor do fórum é jornalista não é para estar dar opiniões. É para ser imparcial. Nos Estados Unidos há muito este tipo de programas...

Aliás, há *talk radios* que é rádios só de conversa, sobre diversos temas e aí os editores, os moderadores, os *hosts* do programa tem uma posição definida, mas não são jornalistas. Têm uma posição definida. Eu não, sou jornalista. As minhas regras são as mesmas regras que o meu colega que está a fazer o noticiário. Claro que tenho a noção que conforme os ouvintes estejam de um lado ou do outro da barricada, acham que as minhas perguntas podem indicar que eu estou dum lado ou do outro da barrigada. Estou-me perfeitamente borrifando. Regra geral, tento assumir uma postura que é fazer... ou... fazer as perguntas... Nem é uma questão de ser jornalista. É fazer sempre as perguntas mais complicadas a quem está ali, independentemente se é de direita, se é de esquerda, se é de centro. Às vezes, as coisas são tão simples de fazer que depois explicá-las torna-se complicado (risos).

E: Às vezes o mais fácil é fazer do que explicar (risos).

M.A.: Se eu tenho uma pessoa do governo, então eu posso usar nas minhas perguntas não a opinião, como é óbvio, mas dizer que "*olhe que os senhores estão a ser acusados disto e daquilo*". "*Ah, mas não sei quê, não sei quê*". "*Então, mas fizeram isto e aquilo*". "*Ah, não, não foi assim*" "*Pois... mas foi o que foi dito no parlamento*". Percebes? E se estou com uma pessoa da oposição: "*Mas olhe que o governo diz que isso foi debatido no parlamento*". Está a perceber a lógica?

E: Sim.

M.A.: Mas eu não posso dar a minha opinião porque sou jornalista. Aquilo não é um programa de opinião. Mas tenho a consciência que os ouvintes podem interpretar as minhas perguntas como "*olha o gajo a ser chato para o Passos Coelho. Fogo. O gajo é do Seguro. Olha o gajo a apertar os calos ao Seguro. Deve ser dos gajos do governo*". Tenho consciência que isso pode acontecer. Tenho que viver com isso.

E: Enquanto moderador, assume essa imparcialidade total?

M.A.: Sou jornalista. E quem fizer o fórum tem que ter, acho eu, essa noção e tem que ter as costas largas e tem que se sentir seguro para fazer isso. Quem faz isso há muito tempo pode ter uma vantagem, ...

E: Está treinado.

M.A.: Está treinado para isso. Perdeu aquelas dúvidas de "*ai, mas se eu pergunto isto, acham que eu sou não sei o quê*". Epá, estou aqui para fazer perguntas é esse o meu trabalho. Paga-se um preço? Paga. Paciência.

320 **E:** Imagine que o programa era transmitido em televisão, o que seria diferente no fórum?

M.A.: Eu acho que este é um péssimo programa de televisão. Acho que seria muito pior.

E: Porquê?

M.A.: Vou dar um exemplo. Fóruns nas televisões, quantos convidados têm?

325 **E:** Um.

M.A.: Fórum TSF, quantos convidados tem? Hoje teve sete. Logo permite mais pluralidade, permite um maior confronto de opinião que é isso que me interessa. Eu, como editor do fórum, não me interessa, nem o poderia fazer, defender o meu ponto de vista. A minha preocupação como editor é fazer um bom programa de rádio e é
330 sacar notícia. É ter notícia. Ou ter notícia pura e dura por alguém que diz alguma coisa de novo, ou ter ali um comentário... Mais um acrescento à notícia que estamos a desenvolver. Ontem, o Presidente da República fez o apelo. Hoje tive os quatro cabeças de lista essenciais mais o Marinho Pinto que já formalizou e foi a primeira vez que eles falaram todos. Por isso, notícia nesse sentido. Notícia pura e dura de a
335 ministra da justiça revelar aqui que vai fazer não sei o quê, que já está calendarizado ou sobre uma coisa que está a causar debate e a ser notícia, nos temos ali dois ou três comentários... Esse é o meu objectivo; puramente jornalístico. E perdi-me...

E: Estávamos a falar das características do programa que poderia ter...

M.A.: Ah! Já sei. E qual é o meu objectivo? Para além dessa lógica essencial... Há
340 bocado quando me perguntava e como é que escolhe o tema. Às vezes há temas que são muito importantes, que vão marcar aquele dia, mas que eu já debati há dois dias. Não posso voltar lá e não posso estar sempre a debater a mesma coisa. E aí tenho que pensar. Às vezes tenho dois temas bons. O que é que eu faço hoje? E a minha lógica é: qual é que debati há menos tempo e qual é aquele que consigo notícia? Ah, é
345 este que consigo notícia. "Consigo". Tenho mais hipóteses de conseguir, então é para aqui que eu vou. É um dos critérios quando estou a decidir o tema que faço. Qual é o meu objectivo? Não é... Eu nunca faço, estilo, a moral da história "e o fórum de hoje prova que, a maior parte dos ouvintes, acha que estas eleições são para julgar o governo". Não faço isso. E o objectivo não é esse, é pelo contrário. O meu objectivo
350 não é, entre aspas, apontar o caminho da verdade, não é. Ou tentar perceber qual é a conclusão da pergunta. O meu objectivo é abrir uma série de janelas sobre um tema e

pôr as pessoas a pensar. “*Epá, não tinha pensado nisso. Olha que o Passos Coelho tem razão aqui e eu não tinha pensado nisso. Ah, o Seguro quando diz aquele também tem razão*”. Ou no apoio aos deficientes: “*Epá, é indecente cortar os apoios as crianças. Epá, mas também é verdade que também havia casos de fraude e de abusos*.” O meu objecto não é chegar a uma conclusão, conduzir os convidados para uma conclusão, que seria a mesma coisa que manipular o programa para ter um determinado objectivo. O meu objecto é debater aquilo. Acho que o único, acho que o meu único objectivo... Sem falsas modéstias, estes programas são bons para a democracia.

E: E acha que não conseguia esse propósito de debate se fosse em televisão?

M.A.: Acho que na rádio se consegue muito mais facilmente. Para além que eu acho... Mas eu sou um gajo da voz e gosto de rádio e sou um gajo da voz. Acho que este tipo de programas funciona muito melhor na rádio do que na televisão. Na televisão estamos a olhar para a moderadora e para o moderador e “*Epá, que casaco tão foleiro que o gajo tem... Que grande borbulha que ele tem ali na testa*”. Eu tenho aqui uma, hoje, uma borbulha no meio da testa, se eu tivesse na televisão, os ouvintes só estavam a olhar para isto. “*O gajo parece um puto, com 50 anos e cheia de borbulhas como os miúdos*.” Na rádio é a voz. Vai-se ao essencial do que as pessoas dizem. Na televisão há uma série de factores de distorção. Mas isso, eu sou um tipo da rádio. Pelas características do programa, na rádio, permite-se uma muito maior pluralidade porque é muito mais fácil. Está tudo ao telefone, ou então tenho um convidado aqui, mas aí quando tenho um convidado aqui é um ministro, é um secretário de estado, é um presidente da Associação Sindical dos Juízes, é alguém que vem... É o Marinho Pinto quando saiu de bastonário, é o Carvalho da Silva quando deixou de ser secretário-geral da CGTP. Mas aí vêm responder aos ouvintes, é diferente. É quase uma entrevista partilhada entre mim e os ouvintes. Portanto, em televisão era impossível conseguir ter lá quatro ou cinco convidados. Hoje, a Marisa Matias estava no comboio quando entrou no fórum, o candidato da CDU estava no aeroporto para apanhar o avião... Portanto, eram logo dois que não podiam estar num programa de televisão.

E: Mas que puderam estar num programa de rádio.

M.A.: Mas que puderam estar num programa de rádio. As características do meio permitem que é muito mais fácil fazer um programa deste tipo, garantindo diversos convidados, com diversos olhares sobre o tema, que acho que é essa a grande riqueza do fórum. Para já o cruzamento entre especialistas, entre aspas e os

ouvintes... como o meu pai, como o meu vizinho de cima, como o seu vizinho, como o senhor que a Prof. Nilza vê todos os dias a tomar o cafezinho na pastelaria da esquina, como pessoas que sabem a fundo do tema que estão a falar. Né?

390 **E:** Acha que essa pluralidade de vozes que acabam por se fazer ouvir...

M.A.: Mas atenção, não estou a dizer mal do programa, dos fóruns de televisão. As características deste programa se rentabilizam e funcionam muito melhor em rádio, foi aliás onde eles surgiram, do que na TV.

395 **E:** E essa pluralidade de vozes que se fazem ouvir no fórum, acha que ... Isto é uma pergunta um bocado má, entre aspas, porque acha que o programa, por causa dessa pluralidade tem um papel persuasivo ou limita-se a informar os ouvintes da opinião de quem liga e dos convidados que entram ao vivo? Basicamente, acha que o fórum tem um papel de guia de opinião, de persuasão, ou é apenas um programa que se limita a informar as pessoas sobre as perspectivas que existem?

400 **M.A.:** Acho que é um programa que ao informar as pessoas das várias perspectivas, dos vários olhares sobre uma determinada coisa, dá às pessoas instrumentos para decidirem melhor e para formarem melhor a sua opinião. O meu objectivo enquanto editor não é "*vamos lá educar as pessoas. Vamos lá fazer perceber as pessoas onde é que esta a verdade*". <Eu> não sei onde está a verdade. O meu objectivo é, através
405 desta pluralidade, desta diversidade de olhares, enriquecer os dados que cada um de nós, cada um dos ouvintes tem à sua disposição para avaliar uma questão. Gostava que os ouvintes, ao fim de cada programa, percebessem "*olha, não tinha pensado naquilo. Olha que está bem pensado*". Não me preocupa no sentido de... Nunca pensei isso. Estilo, vou fazer... Por exemplo, amanhã é provável que o fórum seja
410 sobre o corte dos apoios as crianças deficientes, porque houve uma manifestação há dois dias no Porto, porque o tema é debatido amanhã no Parlamento. Se não houver nenhum tema forte, se não houver nada importante, se eu tiver "que o que é que eu fazer?", não há nada do dia, poderá ser este o tema. Ao fazer o fórum, eu muito sinceramente, o meu objecto não é "vou falar disto para ver se o governo aumenta", ou
415 melhor, "suspende os cortes". Não é essa a minha função enquanto jornalista. Sou muito.... É das poucas coisas das quais tenho muitas certezas quanto ao meu papel. E o meu papel não é conduzir, vou fazer isto para condicionar o governo, vou fazer isto para condicionar a oposição. <Não>, vou fazer isto porque acho que o tema é importante. Acho que merece um bom debate e acho que o debate pode enriquecer as
420 pessoas que o ouvem. Só isso.

E: Não se vê, apesar de alguns teóricos apontarem aos jornalistas um papel de *opinion leaders*, não se vê enquanto tal?

M.A.: Não, não.

E: Não tem essa percepção de que....

425 **M.A.:** Não, não, que horror! Não, não, não quero. Aqui há tempos houve um colega seu da Universidade do Minho que estava a fazer a tese de doutoramento sobre o fórum e eu estava a dizer-lhe a mesma coisa. E ele dizia "*não tem a tentação de as vezes, achar que uma coisa é por ali e fazer o fórum a achar que vou fazer acontecer?*" Não, não tenho. E o meu objectivo é debater e assim...No fim... E agente
430 tratava-se por tu, porque ele teve aí uma série de quinze dias e depois falava com os ouvintes e não sei quê... "*Então e o Manuel, a sua formação é jornalismo?*"; "*Não não, é filosofia*". "*Ok, já percebi*".

E: (risos)

M.A.: (risos) Até pode ser. Deve ser das poucas coisas que guardei do curso de
435 filosofia. Não quero ser líder, não tenho ambição e acho q quando um jornalista quer ser líder de opinião está a tentar ser mais do que jornalista. Eu só quero ser jornalista.

E: A questão não é tanto querer. Acho que nenhum jornalista que se preze, digamos assim, admite que quer...

M.A.: Mais ou menos, mais ou menos. Até porque temos jornalistas que fazem
440 comentário.

E: Mas não admite claramente. Se tem a noção?

M.A.: Que tenho noção que os fóruns podem influenciar a opinião das pessoas? Isso tenho. O fórum pode influenciar a opinião das pessoas. Como é que influencia, isso já não sei. Até porque fazer o fórum estes anos todos, ensinou-me a ser muito humilde
445 perante os ouvintes. "*Fogo, vais colocar esses temas? Toda a gente vai dizer que A ou B ou C*". "*Não, não vai. Não, não vai*." Aqui há tempos, e é tão simples como aquela perguntinha que fazemos na Internet que é sempre muito básica, que é muito mais básica que o fórum porque ali é Sim Não, talvez, ou temos ali duas ou três hipóteses, não é? e a minha colega do online dizia "*Epá, toda a gente vai responder que sim*" e
450 eu disse "*ai é? Então no final do programa falamos*". "*Ah, tens razão, isto está 40/60*". E não é falsa modéstia minha, não é. Da história ser líder. Mas eu não. Que o programa tem impacto na opinião das pessoas, acredito que sim. Que o programa é

ouvido e tem impacto nos políticos, sei que sim. Que os políticos se preocupam no sentido de saber que este é um programa importante na opinião pública? Sei que sim.

455 Às vezes são eles que ligam "*Não quero entrar, não gostava de entrar, gostava de não sei que*". Ou ligam dos partidos "*olhe, não gostava de ouvir*". Hoje ligaram-me do PS "*Estão a debater o que o presidente... Não quer o Francisco Assis?*"; "*Já está combinado, já lhe ligamos directamente*." Portanto, eu tenho a noção que o programa tem um impacto a esse nível. Tenho a noção que o programa ajuda os ouvintes a

460 formarem opinião. Pode ser importante para os ouvintes tomarem, terem a noção de que gosto do A, do B, ou voto no A ou B. Tenho essa noção, mas essa é uma responsabilidade deles. O meu trabalho é, têm aqui dez sabores diferentes, vocês é que sabem do que gostam.

E: Agora, por acaso, mais curiosidade. Alguma vez deu-se conta que, por exemplo,

465 determinado político disse determinada coisa, ou tomou determinada posição no parlamento, por causa daquilo que ouviu no programa de manhã? Ou nunca existiu uma situação que fosse clara?

M.A.: Não tenho a noção de que isso seja directo.

E: Mas acha que ajuda? Como disse que o programa poderia ter impacto, que o

470 programa era ouvido pela classe política... Se alguma vez houve alguma coisa que o fez pensar "*Epá, isto aconteceu porque a opinião dos ouvintes no programa foi tal?*"

M.A.: Não consigo estabelecer a relação causa-efeito. Que às vezes parece que há causa-efeito, parece. Mas não consigo estabelecer e acho que seria arrogante da minha parte dizer que A fez isto porque foi debatido aqui. Agora, que às vezes há

475 colegas meus que dizem meio a brincar, meio a serio, "olha, fizeste o fórum, o homem já respondeu no parlamento. Ou "*A mulher já fez não sei o quê, ou já disse que ia fazer não sei o quê. Ou afinal já admitem...*" Já aconteceu alguns partidos, em algumas situações, terem uma posição no fórum, há críticas e há não sei e depois a questão é revista ou o responsável responde "*afinal isto não é bem assim, afinal...*" Já

480 aconteceu muitas vezes. Agora, acho que era arrogância minha estabelecer ali uma linha directa "A, por causa de B", mas que vemos B depois de A isso é verdade.

E: Qual é o futuro do fórum? Enquanto programa.

M.A.: O fórum é um dos programas bandeira da TSF. O fórum existe desde 92, acho eu. É a bandeira que é copiada pela RTP, as televisões fazem a mesma coisa... A

485 mesma coisa não, adaptando ao formato televisivo. Isso mostra o sucesso do programa. O fórum é um programa em constante evolução e mutação e por enquanto

está firme na grelha da TSF. É um dos programas mais conhecidos da TSF. Quando se faz aqueles *focus group* sobre o que é que as pessoas ouvem, o que é que não ouvem é um dos programas mais referidos. E é um produto nosso.

490 **E:** E vai ser sempre em rádio?

M.A.: Nós não temos televisão nenhuma...

E: Por exemplo, a RFM tem vídeos, a Renascença também transmite às vezes os programas na televisão...

M.A.: Confesso que acho que o programa não ganha nada em estar, exemplo, em
495 *streaming* no site da TSF. Acho que é uma chatice. O que os ouvintes ganham em ter ali a cara do Manuel Acácio duas horas a olhar para o ecrã? <Nada>! Só distrai a atenção. O que o gajo está a escrever? Olha, esta a ver os emails, olha esta a fazer não sei o quê. Para além dos ouvintes que entram em antena, há também os ouvintes que escrevem a opinião na *net* ou no Facebook ou site da TSF na Internet e a
500 Fernanda... A Fernanda tem várias tarefas. Uma é, depois de eu... ah... De estar definida a grelha dos convidados, é ela que liga para as pessoas. Às vezes, na brincadeira, se é uma pessoa muito importante ou se que se acham muito importante, "*Manel, não queres ligar tu? A pessoa gosta*". "*Está bem, eu ligo*." Tem a lista dos ouvintes que se foram inscrevendo e vai ligando... Comunicamos por chat, "*Fernanda*
505 *manda-me 3 ouvintes, manda-me a seguir o próximo convidado*" e ela vai enviado e ao mesmo tempo vai lendo as opiniões no Facebook e na página da TSF na Internet, selecciona os identificados, porque grande parte dos ouvintes é "O Chico dos Osórios", ou o "Homem que gosta das loiras", ou dos loiros e, as opiniões que, não entrando nas ofensas, porque depois é muito "*oh gajo da mensagem interior és uma*
510 *besta. Besta és tu que não sei quê. E tu deves ser Seguro. E tu deve ser do Passos*". Essas tretas. Portanto, aquelas que têm mais conteúdo e que trazem mais valor acrescentado ao fórum. Portanto, é também uma dimensão, é uma transformação que fizemos no fórum, para além dos ouvintes, q já tem uns seis anos talvez, os ouvintes que entram escrevendo na página na TSF ou no nosso Facebook e é uma abertura
515 também às redes sociais e a abertura de trazer outras opiniões. Confesso que ver ali o ecrã, só perdíamos.

Fernanda Oliveira – A Produção do Fórum TSF

Posição à data da entrevista: Produtora do “Fórum” da TSF

Data da Realização da Entrevista: 20 de março de 2014, às 15:00

Local de Realização da Entrevista: Instalações da TSF em Lisboa

Duração da Entrevista: 21 minutos e 15 segundos.

Entrevistadora (E): A Fernanda é produtora do programa há quanto tempo?

Fernanda Oliveira (F.O.): Há 8 anos.

E: Quais são as suas principais funções como produtora? Quais as diferenças entre editor e produtor?

5 **F.O.:** A função do produtor é essencialmente, depois do tema escolhido, a decisão de quem vamos convidar para participar, os convidados, dependendo do tema. A minha função é de convidar as pessoas e procurar alternativas caso estes não puderem ou não responderem. Quando as inscrições já estão abertas para os ouvintes e gerir se há muitos ou poucos ouvintes e se há mais ou menos convidados

10 **E:** Qual a sua percepção das diferenças no número de ouvintes que se inscrevem e do número de convidados que não aceita o convite, porque o tema não lhes interessa ou não querem falar sobre isso?

15 **F.O.:** Dos ouvintes, depende dos temas. Há temas que interessam a muita gente, há um leque grande. Há alturas em que temos de fechar inscrições porque já estão inscritos imensos ouvintes e não teríamos tempo para ligar para todos. Em termos de convidados, também depende do tema, porque há aqueles que não querem mesmo falar, não porque o tema não lhes interessa e outros que não podem, porque estão em reunião ou estão a dar aulas, como os professores universitários, ou estão numa reunião plenária. Isto porque o contacto com os convidados é sempre entre as 9h e as
20 10h.

E: Quais são os tópicos do programa que se inscrevem menos ouvintes? E quais os que são mais difíceis de arranjar convidados para falar sobre aquele tópico?

F.O.: Há um leque muito grande de opções. Quando são temas políticos, podemos ir aos partidos ou antigos ministros ou deputados, politólogos, comentadores. Em termos

25 económicos, podemos ir a professores universitários, economistas, comentadores de assuntos económicos. Nunca há grande dificuldade. Temas como a saúde pode-se convidar o Bastonário da Ordem dos Médicos ou Enfermeiros, associações.

E: Em relação aos ouvintes...

30 **F.O.:** Às vezes há temas que nos parecem mais específicos para uma área. Por exemplo, quando foi os cortes nos bolsistas, pensámos que era mais complicado porque era um nicho, mas não foi. Inscreveram-se imensos ouvintes. Uns porque eram bolseiros, outros porque eram pais de bolseiros, outras pessoas porque se interessam por investigação. É muito difícil perceber se determinado tema vai ter muitos ou poucos ouvintes. Estou a dar este exemplo porque foi há pouco tempo.

35 **E:** A Fernanda é que recebe as inscrições dos ouvintes. Quem é o ouvinte típico do fórum? Se tiver noção das pessoas numa faixa etária tendem a participar mais? Ou é muito variável?

40 **F.O.:** Não perguntamos a idade. Perguntamos o nome, profissão e localidade. Há reformados e por aí sabemos que têm uma idade mais avançada, mas depois nas outras profissões, não dá para perceber a idade, a não ser que a pessoa se identifique enquanto participa, por exemplo “Ah, eu tenho 42 anos e estou desempregado”. Aí é que nós temos a noção da idade.

São muitos empresários, motoristas, comerciais e depois dependendo muito do tema, presidentes de câmara inscrevem-se quando tema é autarquias. Mesmo não
45 convidando, há alturas em que vamos convidar porque diz respeito a esta e aquela câmara e convidamos os presidentes das câmaras que estamos a falar. Quando o tema é mais abrangente, temos presidentes de câmara, associações de saúde ou de cidadãos. Muitas vezes, aparece-nos associações que não temos a noção de quem são, mas depois fazemos a pesquisa e vamos ver se realmente existe, por ex “Sou
50 presidente da Associação Comercial de Trás-os-Montes”. A pessoa inscreve-se, nós fazemos a pesquisa e constatamos que realmente há essa associação.

E: Já ouviu algum ouvinte que se inscreveu e a Fernanda achou que teria sido melhor não o colocar no ar? Se disse que era Presidente duma associação e depois de pesquisar constatou que não existia?

55 **F.O.:** Nunca me aconteceu ter um nome de uma pessoa e identificar-se com um cargo e não estar correcto. A única coisa que pode acontecer é ouvintes que se inscrevem

todos os dias independentemente do tema e esses ouvintes não vamos metê-los todos no ar.

E: E já reconhece esses nomes?

60 **F.O.:** Sim.

E: Então nesse caso não vale a pena colocá-los no ar...

F.O.: Eles sabem e ligam a dizer que não os chamámos e respondemos a dizer que é natural que não os possamos chamar todos os dias. Eles entendem.

E: Eles entendem?

65 **F.O.:** Sim, já percebem que não se podem inscrever todos os dias e agora fazem menos isso. Nota-se que há alguns que ainda fazem isso, mas já percebem que se entraram hoje no ar, amanhã provavelmente isso não acontece. Eles percebem e quando volto a ligar-lhes eles não dizem nada.

70 **E:** A Fernanda também é a pessoa responsável pela parte online. Receber comentários e e-mails. Qual o seu critérios nos e-mails que transmite ao apresentador?

F.O.: Nos e-mails, nesses comentários, muitas vezes as pessoas não se identificam e isso é uma regra. O comentário tem que estar identificado. Muitas vezes colocam como anónimo ou então outras coisas sem sentido e esses comentários não são lidos.

75 Depois há outros que são insultuosos e esses também não são apresentados.

E: E a Fernanda lê todos os comentários?

F.O.: Sim, todos durante o fórum.

E: Por exemplo, imagine alguém que tem um comentário válido, que não insulta ninguém, mas não está identificado...

80 **F.O.:** Não é apresentado. Tem que estar identificado.

E: O editor disse-me que é ele que escolhe os temas e depois discute consigo. Já houve algum tema em que não achasse que era o mais indicado para aquele dia?

F.O.: A decisão final é dele. Eu dou a minha opinião. Acontece não estarmos de acordo e eu digo porque não estou de acordo e ele diz porque é que acha que tem de

85 ser aquele tema. Às vezes, eu não concordo por não interessar a muita gente e é uma surpresa para mim.

E: A Fernanda acaba por não ter uma verdadeira influência na escolha do tema, porque a palavra final é do editor?

F.O.: Sim, mas isso faz parte. Às vezes acontece ele ter três temas e pergunta-me
90 qual aquele que eu acho mais indicado e justifico o porquê.

E: Acha que o programa influencia a opinião pública? Acha que o programa tem uma componente persuasiva, no sentido de indicar uma opinião?

F.O.: Eu acho que não influencia, porque, em todos os temas, os convidados são escolhidos para o ouvinte ter um leque muito grande de opiniões diferentes e aí o
95 ouvinte constrói a sua própria opinião. Imagine que é um tema de política e só convidamos PSD e CDS ou só PCP e Bloco, aí é que estávamos a influenciar. Quando convidamos partidos, convidamos todos. Hoje, por exemplo, o tema foi as Eleições Europeias e convidamos todos os cabeças de lista já conhecidos e aí o ouvinte constrói a sua opinião a partir daquilo que todos disseram.

100 **E:** Isso acaba por ser um cuidado em todos os programas. Ter o cuidado de garantir uma pluralidade tal de convidados para que não caiam em tentação de influenciar.

F.O.: Por isso é que não há crítica ao programa, e isso vê-se nos comentários. Se abrimos o programa com um convidado a defender o actual governo, vem a seguir um comentário a dizer que só ouvimos quem defende o governo, mas momentos depois
105 vem outra opinião. Isso é preocupação e faz parte do jornalismo que tem de ser mesmo assim.

E: O programa é transmitido em rádio. A sua percepção enquanto produtora do programa, acha que o programa teria algo a ganhar ou seria essencialmente diferente se passasse a ser transmitido em televisão, por algum tipo de parceria e passasse a
110 ser transmitido em rádio e televisão?

F.O.: Já há um programa feito pela Antena 1 na RTP, o Antena Aberta. Não sei se há alguma mais valia. Como falei anteriormente em empresários, motoristas e comerciais que vão na estrada e vão ouvindo na rádio e participam, em televisão a esta hora, será os reformados que estão em casa, as pessoas que estão no trabalho e podem
115 participar. A transmissão pela televisão não ia acrescentar nada.

E: De certa maneira, o facto do programa ser transmitido em rádio permite uma maior pluralidade de ouvintes. O programa tem a ganhar com isso?

F.O.: Sim, penso que sim. Por exemplo, o Opinião Pública na SIC. Aí, não tem transmissão de rádio. Não faço ideia como é. Sei que têm lá sempre um convidado, mas não sei se tem muitas inscrições ou não. Chegámos a ter 40/60 inscrições e muitas não conseguem entrar. A média será a rondar os 15, provavelmente.

Carla Jorge de Carvalho – A Apresentação do *Opinião Pública*

Posição à data da entrevista: Apresentadora do *Opinião Pública*, da SIC Notícias

Data da Realização da Entrevista: 21 de março de 2014, às 15:00

Local de Realização da Entrevista: Instalações da SIC em Carnaxide

Duração da Entrevista: 34 minutos e 39 segundos

Entrevistadora (E) – Há quanto apresenta o OP?

Carla Jorge de Carvalho (C.J.C.) – A SIC Notícias existe há 13 anos e eu comecei a apresentar há 12, portanto praticamente desde o início. O OP começou por ter só uma
5 edição e era o Guilherme Simões que apresentava. Depois, penso que foi antes do 1º aniversário da SIC Notícias que se criou as duas edições e eu comecei a fazer a partir daí. E desde aí, tenho tido curtíssimas paragens de não fazer.

E: E como é que surgiu o convite para apresentar?

C.J.C.: Já fazia parte do grupo de pivots e foi opção da directora na altura, a Cândida
10 Pinto.

E: E como é que é organizado o programa por vocês apresentadores?

C.J.C.: O tema é escolhido de véspera ao final da tarde. Eu recebo um e-mail com o tema, com o convidado. Às vezes, recebo logo um dossiê com informação. Portanto, faço logo um trabalho de casa nessa altura ou logo de manhã. Às vezes, o tema é
15 mudado de manhã, porque aconteceu alguma coisa que se impõe. Embora haja muitos mais constrangimentos para mudar de tema na televisão do que na rádio, porque o convidado é presencial em televisão e é muito difícil arranjar alguém para estar disponível às 11h da manhã e portanto temos muito menos agilidade que a rádio.

E: Como é que é feita a sua preparação para os programas? Deve haver temas que
20 exijam uma maior preparação.

C.J.C.: Pretende-se que os temas sejam da actualidade e, nesse sentido, eu trabalho com a actualidade e tenho alguma capacidade de reagir a isso. Há temas mais específicos, mas aí temos editores, colegas de redacção que nos podem ajudar e a quem posso pedir conselhos. Por exemplo, há uns dias tinha uma dúvida sobre custos
25 de energia e perguntei ao José Gomes Ferreira ou quando é futebol pergunto a um

colega se me está a falhar alguma pergunta que tenha de fazer, para não parecer desconhecadora. Recorro muito a blogs, porque pode haver um pensamento mais alternativo ao pensamento mais comum. Em tantos anos, já fiz quase todos os temas e mesmo que haja uma coisa mais circunstancial aquilo remete para outra coisa. Não
30 preparo na hora antes. Tenho 12 anos de preparação porque já houve alguma coisa antes. É muito mais rápido preparar-me agora do que há 12 anos.

E: Acha que os blogs trazem uma informação tão diferente à opinião comum?

C.J.C.: Os dossiês que recebo são os jornais e portanto procuro além daquilo que recebo, o outro tipo de informação. A minha primeira base são os jornais, as
35 reportagens do nosso canal. Temos sempre uma peça para o tema e esse também um dos requisitos do tema. Pode acontecer haver um assunto da actualidade mas ainda não termos peça às 11h da manhã e aí questionamos se é assim tão importante e que valha a pena fazer sem peça ou esperamos pelo da tarde onde já teremos peça e poderemos apresentar aos espectadores. Na prática, é mais complicado. Eu própria
40 vou aos blogs para preparar-me, não tanto para informação, mas para a argumentação que pode vir. Os blogs às vezes trazem argumentação que não tinha visto ainda nos comentadores.

E: Tem alguma influência da escolha do comentador dos programas ou é algo que já lhe é imposto?

C.J.C.: Muitas vezes, já é entregue, sobretudo quando estou a apresentar a edição da
45 manhã, porque o tema é decidido quando eu já não estou aqui. Quando é o da tarde, tenho muito mais acesso à participação, porque estou cá. O Alberto Jorge sabe quais são os comentadores que mais gosto, com que lido melhor e portanto isso já facilita.

E: Portanto, já há esse cuidado de saber quais os comentadores com que lida
50 melhor...

C.J.C.: Se possível. Se houver algum que venha pela primeira vez, nós os apresentadores falamos com os editores e produtores e dizemos se vale ou não a pena continuar a trazer aquele convidado ao programa. Fazemos essa avaliação de uma pessoa nova.

E: Durante o programa, como é que a Carla faz a gestão do tempo?

C.J.C.: Com muita dificuldade. É a parte stressante do programa. Todos nós criámos um bocadinho o esquema: introdução com o convidado, sequência de uns 5 telefonemas, depois voltamos ao estúdio e passamos ao comentário, mais 5

60 telefonemas (são sempre séries de 5) e conclusões do comentador. Preparo as entrevistas um pouco assim: tema a lançar, o que pode vir a seguir consoante as intervenções e encerramento de tema. Mas há essa gestão e sempre a olhar para o relógio. Já tenho mais ou menos a noção se aos 17 minutos ainda não fui aos telefonemas, vou ter que acelerar essa parte para encaixar as pessoas. Isso é muito ingrato, não poder seguir uma linha porque temos que ouvir telefonemas, termos que 65 interromper porque temos mais telefonemas para ouvir e essa parte é muito ingrata.

E: Nessa gestão de tempo, há situações em que a Carla necessita de intervir mais para conseguir que o programa siga a linha de planeamento? Ou porque o convidado não é o ideal ou os telefonemas demoram.

C.J.C.: Isso é o problema de todos os espaços em directo. No caso do convidado, se 70 o convidado está nervoso, tentar ser particularmente simpática e às vezes a questão é só essa do nervosismo e pouca experiência de estar em estúdio.

E: O Manuel Acácio sempre que acha que vai haver um tempo morto, mete os comentários online. É interessante saber como o apresentador vai tentar preencher o espaço vazio. É algo que só se alcança com treino?

75 **C.J.C.:** É, é o que lhe posso dizer. Se houver um telefonema mais fraco, temos que dizer que estamos com falta de tempo, que já percebemos e precisamos de ouvir mais pessoas.

E: Já houve algum tema que a desesperasse?

C.J.C.: Sim, mas por ser muito triste ou por ser muito cómico. Já aconteceu de tudo.

80 **E:** Durante o programa, há algum momento que sinta que tem de dar a entender a sua opinião e porquê?

C.J.C.: É muito complicado. Eu tenho opinião sobre as coisas claro, como ser humano e cidadã. Sinceramente não me incomoda muito e tenho colegas que têm dificuldades em ouvir opiniões diferentes das deles e isso até é uma coisa que me dá prazer e é 85 interessante a discussão teórica. O que me custa muito é a questão do tempo do Salazar. Já me aconteceu terminar um telefonema com uma pequena 'boca' de "*Já percebemos que o ouro de Salazar era mais importante que a liberdade*" e depois fico a pensar se devia ter dito ou não. Sei que haveria metade dos espectadores que iam ficar ofendidos comigo se eu permitisse que aquilo fosse dito sem nenhum comentário 90 a seguir e outros que me estão a chamar cortadora da liberdade dos outros. Por norma, tento controlar-me mas há alturas que me questiono sobre os valores de um

jornalista que deve defender a liberdade de expressão e onde é que isto acaba. É um dilema que tenho. É uma gestão difícil, não devemos dar a nossa opinião, mas há alturas em que é inevitável. Por exemplo, agora temos muitas pessoas em situações
95 dramáticas a viver em dificuldades e isso não pode ser indiferente. Se fosse indiferente, era um robot. Quando há uma pessoa numa situação complicada, não posso fazer de conta que isto é apenas um nome. Não posso ignorar e às vezes posso-lhe desejar força, felicidades e até é um assunto que levo ao comentador.

E: Acha que o programa seria muito diferente se fosse em rádio?

100 **C.J.C.:** Não. O grande mistério do Opinião Pública é que isto é um programa tão anti-televisão mas que funciona bem, mas de televisivo tem pouco: duas pessoas com uma grua a passear. Não está a acontecer nada e as pessoas vêem e acho fascinante. Isso é o maior fascínio deste programa. É tão pouco televisivo desse ponto de visto, mas é certo que funciona

105 **E:** Não acha que o programa pode ficar a perder um pouco por só ter um comentador em estúdio?

C.J.C.: Isso pode acontecer, sim. Também pode ficar a perder se tiver dois, porque temos menos tempo para os espectadores e perdemos o espaço público e passamos a ter um debate. O Alberto gosta de ter duas pessoas e eu percebo, mas depois nem
110 essas pessoas têm o tempo suficiente para se oporem. É uma coisa que temos algumas vezes, mas é muito difícil. Há uma solução que temos algumas vezes, que é ter um comentador em estúdio e outro ao telefone relativo à área que convidamos. Não convidamos para estar em estúdio, mas convidamos para ter uma participação à volta dos 5 minutos

115 **E:** Acha que o programa tem um papel persuasivo na audiência do mesmo ou acha que é um programa que se limita a informar das opiniões de quem liga? E se tem um papel esclarecedor de opinião e esse papel guia a opinião das pessoas?

C.J.C.: Eu acho que isso acontece sobretudo na televisão. Seja qual for o modelo. Esse é uma das grandes diferenças destes programas com os das rádios. Há uma
120 pessoa que tem sempre a última palavra, o nosso convidado, e isso dá uma tônica ao programa. Por exemplo, em programas de Economia e temos aqui uma pessoa com determinada visão, essa visão acaba por prevalecer ou se essa pessoa for tão trucidada pelos telefonemas e não acontece, mas tem a última palavra. Todos nós que fazemos o programa, temos a noção que há o peso da última palavra da pessoa que
125 está do princípio ao fim e acaba por ser determinante.

E: Já alguma vez sentiu que o programa teve influência directa em algum acontecimento?

C.J.C.: Já aconteceu. É claro que não é uma relação directa, mas por aquilo que se chama a pressão da opinião pública, sim. Acho que estes programas acabam por ser
130 uma representação dessa coisa vaga que é a pressão da opinião pública que leva a algumas medidas. Dizia-se isso do governo do António Guterres, que lançava uma notícia de uma medida que o governo pensava e fazia capa nos jornais e os programas de fóruns e opiniões públicas pegavam na notícia. E essa medida que
135 ainda estava em pensamento era discutida nesses fóruns e era muito criticada e o governo depois vinha a dizer que não ia fazer nada disso. Dizia-se que era uma estratégia de governação e de testar se a medida agradava. Hoje em dia, não é assim tão directo. Todos nós, agentes políticos e comunicação social, estamos a aprender mais e os próprios espectadores são mais profissionais nas suas intervenções. Lembro-me de missões de governo em que acho que essa pressão da opinião pública
140 terá tido algum impacto. Acredito eu.

E: Acha que o programa, com as suas características e vocês enquanto caras mais conhecidas dos programas, se vêem como líderes de opinião?

C.J.C.: De todo.

E: Não vê o programa como tendo essa capacidade de mobilizar pessoas?

145 **C.J.C.:** Não, francamente não. Gosto de pensar que é um espaço de liberdade para as pessoas. Não acho que seja o início de algo mais organizado, de conduzir a outra coisa adicional ao simples facto de ser um programa.

E: A Carla tem a percepção quem é o ouvinte típico do Opinião Pública? Já apresenta há tantos anos, nota alguma evolução nesse aspecto?

150 **C.J.C.:** Sim. De manhã, é mais domésticas, reformados. À tarde, o público um pouco mais das profissões liberais. Isto era assim até há uns 2 anos. Agora são sobretudo desempregados, muitos reformados e muita gente nova.

E: Tem noção de pessoas que ligam todos os dias?

C.J.C.: Tenho a certeza e até com vários nomes e para todos os sítios.

155 **E:** Na TSF, disseram que muitas das pessoas ligam todos os dias por causa da solidão.

C.J.C.: Sim, ligam até antes para perguntar qual é o tema. Antes de dizermos na emissão. A semana passada estive de férias e até andei a ver vários canais e lembrar-me de vários nomes. Há um núcleo que são os profissionais destes programas e que participam em todos.

E: E quando ouve, a Carla percebe...

C.J.C.: Sim, ao longo do programa vou recebendo uma actualização dos telefonemas, vou recebendo uma lista. Só quando tenho uns 2 ou 3, é que avanço, para o caso de uma chamada cair eu ter logo outro. Portanto, quando vejo o nome de determinada pessoa, já sei o que ela vai dizer e às vezes até falo com a pessoa antes de ir para o convidado porque ela vai ser polémica, por exemplo, ou deixá-lo para depois do convidado e já consigo gerir assim alguns, felizmente. Depois temos pessoas que só ligam por um tema concreto que lhes interessa, mas há muita gente que liga todos os dias. O Alberto poderá dar mais detalhes, porque as pessoas depois dão nomes diferentes para poderem participar.

E: Tem noção de quantas pessoas se inscrevem?

C.J.C.: Não. O Alberto é que lhe pode dizer.

E: Portanto, vocês apenas recebem uma lista?

C.J.C.: Sim.

E: E os comentários online?

C.J.C.: Também não tenho ideia.

E: O Opinião Pública permite comentários online e eu tinha a sensação que vocês recebiam e tinham acesso...

C.J.C.: Nós estamos a receber os telefonemas, a ouvir os telefonemas, a ouvir o convidado, a gerir o tempo. Não estou a acompanhar nada disso e no meu computador nem tenho acesso e também é informação que nem quero ter. Imagine que um dos coordenadores me diz para eu dizer só um nome porque temos pouca gente ou então ao contrário, ter que passar de imediato aos telefonemas por ter muita gente. É o feedback que tenho durante o programa.

E: Acaba por ser um mundo completamente isolado. Só a Carla..

C.J.C.: Só eu, o convidado, o relógio e a lista de telefonemas, que vai sendo actualizada. E é muito. E tenho mesmo que ouvir os telefonemas, não consigo estar distraída. Imagine por exemplo, que eu às vezes tenho isso, de apresentar o jornal do meio-dia e o programa acabou às h57. Eu só tenho tempo de ver se mudou alguma coisa no alinhamento. Não sei se nessa hora caiu alguma ponte ou morreu alguém. Estou completamente isolada. Dependendo dos temas e até posso ver o que está a cair nas agências, mas eu não consigo ler nada. Até podia ter facebook aberto e tudo, mas não tenho. Se tivesse facebook, também não teria.

E: O Manuel Acácio disse-me que vai falando por chat com a produtora ao mesmo tempo que decorre o programa.

C.J.C.: Mas o Manuel Acácio não tem que estar com tanta atenção aos espectadores, porque eles não vão fazer nenhuma pergunta concreta ao convidado que ele tem em estúdio. Ele não tem que pegar nas afirmações dos espectadores. Ele não tem que tomar nota de nada para depois perguntar ao comentador. Eu tenho mesmo que ouvir os telefonemas com atenção até porque as pessoas depois querem que o seu nome seja referido pela pessoa em estúdio nos seus comentários. Tenho que ter essa consideração, ao contrário da rádio, que não têm comentador residente e não têm que voltar ao telefonema.

E: Como é que faz a gestão de perguntas? Deixam de receber telefonemas e pega numa pergunta do último espectador ou deixam acumular algumas? Ou tem que ser definido pelo tempo?

C.J.C.: Não tem que ser. Vou tentando ajustar, tentar com que seja naquela hora. Por exemplo, se o segundo espectador faz uma intervenção muito forte e logo com uma pergunta, se calhar é melhor ir logo para o convidado. Tento sintetizar as perguntas, tomo notas daquilo que dizem e daquilo que podem ser perguntas e depois chega ali perto do último telefonema e sistematizo aquilo que quero perguntar.

E: Acha que faria sentido transmitir o programa paralelamente em televisão e rádio? Fazer uma parceria com uma rádio e ser transmitido, por exemplo.

C.J.C.: A Antena 1 fez essa experiência, mas não sei porque é que não continuou.

E: Acha que faria sentido passar o programa para um género de debate com mais comentadores em estúdio?

C.J.C.: Sim, faria. Eu, quando os Prós e Contras começou, eu pensei que aquilo era um OP a sério com todos os meios e foi mais ou menos na altura que eu comecei a

220 apresentar o OP. Dizia isso na altura aos directores que a melodia fantástica era
convidarmos os telespectadores mais habituais a virem a um espaço e serem eles a
fazer perguntas sobre um tema, trazê-los ao estúdio, mas disseram-me para esquecer.
Gostava que o programa ganhasse mais asas, mas o grupo Impresa não tem rádio e
nunca andei por esses caminhos, nunca questionei. Alguns espectadores pedem,
225 algumas vezes, que o programa fosse num horários mais nobre, que fosse à noite, o
que aconteceria. Os OP's à 1h da manhã sobre futebol não é bem a ideia, mas assim
um tema à noite e às vezes atiro essa sugestão para o ar, mas ninguém pega.

E: Porque é que acha que não há uma maior atenção à Opinião Pública, tendo em
conta a importância que esta tem? Se é tão importante, porque não ser em horário
nobre?

230 **C.J.C.:** Eu acho que faria sentido.

E: Acha que seria diferente?

C.J.C.: Sim.

E: A minha percepção é que o programa perde um bocado pelo horário em que é
transmitido. O impacto do programa junto da classe política/económica não seria maior
235 se fosse transmitido em horário nobre?

C.J.C.: Era. Já disse tudo. Eu gostava que se fizesse à noite, todos os dias, porque
não? E não só sobre futebol. Gostava de ver pela experiência. Há um tema que não
fazemos muito, por algum receio, que é actualidade internacional, porque se tem uma
ideia errada que as pessoas são as domésticas. E o que acontece, quando fazemos, é
240 que há um português em qualquer ponto do mundo ou já lá estive ou já lá foi e tem
uma experiência sobre o sítio de que falamos. Por exemplo, falamos da Síria e há mil
portugueses que já trabalharam na Síria. Têm uma ideia e uma experiência
interessantíssima e aprendemos imenso quando são esses temas mais fora daquilo
que se acha que é um tema de opinião pública. Ganha-se imenso e saio mais rica
245 desses temas. Arrisca-se pouco nesse aspecto. Por exemplo, para falarmos da
Ucrânia, estavam reticentes, mas depois quando se fez acho que foi magnífico, porque
as pessoas conhecem, estiveram ou estavam lá e, portanto, acho que se arrisca
pouco. Criou-se a ideia que este espaço está confinado àquele horário às domésticas
e já não são só as domésticas que nos vêm e as senhoras reformadas.

250 **E:** Acha mesmo que há essa dupla aprendizagem, vocês com as pessoas que
ouvem/ligam e o próprio comentador e o vosso papel como “educadores”?

C.J.C.: Isto no início era mesmo uma aprendizagem. Agora vou com mais tranquilidade, sabendo que tudo pode acontecer. No início, ia sempre muito preparada, por exemplo, com 20 perguntas, mesmo sabendo que só usaria 13 e os
255 espectadores depois levariam às outras. Aquilo, em primeiro lugar, era para mim uma lição de jornalismo. Eu percebia em primeiro lugar aquilo que as pessoas percebiam daquilo que nós tínhamos dado. Basicamente, o programa é comentar a notícias mas depois é perceber de que forma a notícia chega às pessoas porque às vezes elas nem tinham percebido bem a notícia e logo aí estávamos a falhar. As pessoas estavam a
260 perceber outra coisa. Às vezes, era uma lição de jornalismo e aí chegávamos à conclusão que aquela notícia não estávamos a dar bem, porque a maior parte das pessoas ainda não percebeu. Tinha este feedback o que é o trabalho do canal todo, depois aprende-se e depois a parte frustrante para os espectadores saber que eu aprendo mais com o convidado antes ou depois do programa acabar. Podem dizer
265 aquilo que não podem dizer em televisão. Quando saímos do estúdio, o convidado acrescenta mais qualquer coisa que não disse e aprendemos muito com eles em off

Alberto Jorge – A Produção do *Opinião Pública*

Posição à data da entrevista: Produtor do *Opinião Pública*, da SIC Notícias

Data da Realização da Entrevista: 25 de março de 2014, às 12:00

Local de Realização da Entrevista: Instalações da SIC em Carnaxide

Duração da Entrevista: 37 minutos e 21 segundos.

Entrevistadora (E): Como surgiu o *Opinião Pública* na sua carreira?

Alberto Jorge (A.J.): Eu comecei a fazer o *Opinião Pública* ele já existia com outros colegas a fazer. Eu já colaborava com o programa pontualmente quando era necessário, quando eram informados de que estava e de vez em quando ia substituir a
5 outra minha colega que produzia na altura o *Opinião Pública*, que já existe desde o início da SIC N, desde 2001.

E: Há quantos anos faz o *Opinião Pública*?

A.J.: Numa primeira fase foi pontualmente, quando a minha colega estava doente ou
10 ia de férias... e depois, talvez há seis anos ou oito anos... O tempo vai passando, agente esquece-se das contas. Acho que foi em 2006 que comecei a coordenar mesmo.

E: Desde 2006, mais ou menos?

A.J.: Desde 2006, sim... Acho que foi em Outubro.

15 **E:** E como funciona a selecção dos temas para os programas?

A.J.: Portanto, nós vemos o que há em termo de actualidade; de temas fortes mais passíveis de resultarem numa boa discussão e que interesse às pessoas, que queremos que depois liguem ou mandem *e-mails*... mas a forma de participação mais forte é de facto através dos telefonemas e é isso que sustenta muito o programa muito
20 variado.

E: Com que antecedência é feita essa selecção? Principalmente para o *Opinião Pública* da manhã: é seleccionado de manhã de madrugada?

A.J.: Normalmente, o OP da manhã é no dia anterior. Ao final da tarde, deixamos sempre em aberto... Como temos dois por dia: um às 11h da manhã e outro às cinco da tarde... Deixamos sempre em aberto, porque se acontecer um...

E: Catástrofe...

A.J.: (risos) Sim. Se houver um outro tema forte que entretanto surja à noite ou de madrugada ou no próprio dia de manhã, podemos por a hipótese de mudar.

E: E é só o Alberto que escolhe ou há uma equipa por trás?

A.J.: Não, não. Nós decidimos em conjunto com a... Quer dizer, é um conjunto de coordenadores, que não sou só eu. Também há a Liliana e dividimos o dia em duas partes e trocamos... Um coordena o da manhã e o outro o da tarde e depois vamos revezando. Semana sim, semana não, trocamos. E o tema é uma decisão editorial tomada em consonância com o director do canal ou com o coordenador geral... Portanto, com o António José Teixeira ou com a Joana Garcia. E com os pivôs também. Nem sempre, mas algumas vezes.

E: Há uma percepção da parte de vocês, coordenadores, de que o nível de audiência média do programa influencia a escolha do tema? Por exemplo, hoje vamos fazer este programa porque já sabemos que isso vai trazer mais audiência para o canal... Ou a audiência não tem esse impacto?

A.J.: Nós temos isso em consideração como um dos elementos. Não é determinante, mas claro que também pensamos nisso. O principal critério é ser de facto uma questão em que as pessoas vão querer falar sobre isso e têm opiniões e vai haver muita gente com uma opinião favorável e pouca desfavorável, para também haver uma pluralidade e diversidade de opiniões. Depende, depois há outros programas em que há uma função mais utilitária, talvez. Em que as pessoas podem por dúvidas, questões e o convidado as esclarece e responde.

E: As características da vossa audiência podem influenciar de certa maneira a diferenciação dos temas, entre por exemplo, o OP da manhã e da tarde? A Carla Jorge de Carvalho referiu que tinha a noção de quem ligava de manhã são as domésticas e os desempregados...

A.J.: De uma forma geral, de manhã são mais os reformados, domésticas e desempregados sim... de tarde é muito mais diversificado em termo de profissões... estudantes também, por vezes de manhã, mas é mais à tarde. Depois também há outra questão por exemplo, imagine que temos 40 ou 50 pessoas que se inscreveram

ou que se foram inscrevendo e se temos muitos reformados, tentamos variar também para não ser sempre o mesmo e tentamos dar oportunidade a outras pessoas. Também jogamos um bocado com a questão geográfica, se ligarem de vários pontos do país e do estrangeiro... também vão ligando. Mas ligam muito de Londres, Paris, Estados Unidos...

E: E essa caracterização da audiência tem então impacto. Por exemplo, de manhã preferem não falar de determinado tema porque tem a percepção de que a maioria das pessoas que irão ligar serão domésticas, reformados e desempregados.

A.J.: Não tão dessa forma tão determinante. Também depende muito do tema e se há alternativas... às vezes é muito complicado. Podemos ter um tema muito bom e poderá não resultar muito bem, mas também estar a fazer um tema que é muito mais fraco, mesmo sendo de manhã, talvez preferimos fazer na mesma... e por vezes até repetimos à tarde o tema, porque foi um tema forte de manhã e que resultou bem.

E: Em média, quantos ouvintes se inscrevem por programa?

A.J.: Eu não tenho essa noção. É muito variável.

E: Tudo bem... Qual foi o maior número de pessoas que já se inscreveram?

A.J.: Que se inscreveram, podemos ter 50, talvez. Estou a tirar um número assim um pouco para o ar.

E: Então é possível inscreverem-se 50 pessoas? Já aconteceu?

A.J.: Sim. Porque depois não damos muita vazão. Normalmente as pessoas que entram são dez, doze, oito. Depende também se falam muito, se falam menos... Se está a ser interessante, nós não cortamos o telefonema; se já se está a alongar demasiado, mesmo sendo interessantes, temos que cortar para dar oportunidades a outros.

E: No programa em que se inscreveram menos pessoas, pensaram no que iam fazer, porque não tinham mais ninguém para colocar no ar?

A.J.: Não temos essa noção.

E: É engraçado, porque na TSF há a contabilização das pessoas que se inscreveram, mesmo que não vão para o ar... Pensava que vocês faziam o mesmo.

A.J.: Não, não. Temos uma noção vaga.

E: E como se faz a selecção de quem vai para o ar? Já referiu o aspecto geográfico e a variedade de profissões...

A.J.: Não há propriamente uma exclusão, a não ser que seja um caso gritante de alguém que tenha participado anteriormente e proferiu insultos ou aquelas pessoas
90 que estão sempre a ligar porque querem sempre falar e que querem sempre entrar todos os dias. Vamos pondo-as de lado e de vez em quando entram, mas temos que dar as oportunidades a outros porque se não é sempre o mesmo. Temos um número de pessoas que fazem isso...

E: Já reconhecem o nome da pessoa...

A.J.: Sim... e o número de telefone. Às vezes trocam o nome, mas nós percebemos,
95 pela voz que é a mesma. Já aconteceu entrarem e mudarem a voz... o critério é a maior diversificação possível de pessoas, pelo nome, pela origem geográfica, pelas profissões... dar a oportunidade a um leque variado de pessoas, com esses critérios. As idades. Também depende muito de cada programa, de quem se inscreve... e
100 também há pessoas que perguntam qual é o tema quando ligam e dizem “ah, sobre isto não quero falar”. E muitas vezes é uma coisa muito rápida, que a pessoa não diz nada... Obviamente que qualquer pessoa terá a oportunidade de participar. Também há a ordem de chegada e nós respeitamos isso. E depois, como nós temos quatro linhas, temos normalmente sempre a pessoa que está a falar no momento e três em
105 espera, com as chamadas já presas. Ou então enquanto estiver o convidado a falar ou um directo no ar, temos quatro pessoas. Depois chega a uma altura no programa que já não dá mesmo que se inscrevêssemos mais pessoas e já não teriam oportunidade. Normalmente, sobram pessoas inscritas para participarem mesmo.

E: Em relação aos emails que são destacados no programa, como é que isso
110 funciona?

A.J.: Os emails vamos vendo... Eles vão chegando. Tentamos por email que sejam
115 mais ricos em termos de conteúdo. E depois também há a mecânica do programa que nos permita ter tempo, como é só uma pessoa a fazer isso, ter tempo de corrigir. Há e-mail que vem com erros ortográficos, com frases mal construídas, até pouco perceptíveis. Eu tento perceber a ideia e dar ali uma volta. Há emails gigantescos e é impossível... temos que cortar e cortamos a maior parte e há e-mail que simplesmente não dizem nada de nada. Ou não dizem nada do tema e esses são logo excluídos, ou que é para criticar uma coisa que o entrevistado em estúdio disse... Há programas em que temos um número razoável de *e-mails* e noutros em que não temos quase

120 nenhuns... ou começam a chegar a meio ou a mais de meio do programa e já na parte final e não dá tempo de ver. Também é preciso corrigir.

E: Existem para vocês coordenadores temas sensíveis? Temas que não foram discutidos porque se achou que era demasiado sensível ou vai ferir algumas susceptibilidades e era melhor não falar do tema.

125 **A.J.:** Não. De maneira geral não. Há questões que nós achamos que não dariam um bom programa e para fazer um debate... claro que nos últimos anos é recorrente a crise, a austeridade, o aumento dos impostos, os cortes nos salários, pensões, nas reformas... a prestação dos políticos. Tudo isto é sempre um bom tema. Futebol também fazemos muito, seja sobre a primeira liga, um grande jogo...

130 **E:** Normalmente é naqueles especiais da uma da manhã.

A.J.: Também fazemos nos normais.

E: Mas quando são jogos também fazem à uma da manhã?

135 **A.J.:** Sim, sim. Já fizemos à uma da manhã. Sábado e domingo á tarde... se o jogo for às sete da tarde, fazemos às 4 ou as 5 a antevisão. Economia. Tudo o que tenha a haver com rendimentos, com os salários, com nova legislação, por exemplo, o código do trabalho, fiscal... as questões fiscais. Depois as questões sociais, houve agora recentemente a questão da natalidade... Números novos na área da educação, na área da saúde... Casamento homossexual, a co-adoção. "Ene" temas.

E: E em relação aos maus?

140 **A.J.:** Não me lembro.

E: Isso é bom! Não se lembrar de um mau tema. Nunca aconteceu terem feito o programa e no fim terem chegado à conclusão de que não tinha resultado?

145 **A.J.:** Sim, já aconteceu. Mas às vezes acontece naqueles que nós pensamos que vai ser um bom tema. Já aconteceu, por exemplo, entrarem dez pessoas e a qualidade da participação era muito fraca no sentido de ser talvez muito básico. Mas isto é uma percepção nossa, interna. Nós não podemos dizer isto lá para fora nem dizer isto às pessoas, porque por critérios editoriais de imparcialidade, qualquer opinião é válida. Mas depois fazemos essa análise de que não correu nada bem, foi um pouco fraco. Eu acho que onde se nota mais é nos temas de internacional. Fazemos muito
150 pontualmente, só quando é um assunto muito forte. Estou a lembrar-me de um sobre a

situação da Ucrânia, que fizemos uma vez, já aquilo durava há umas duas semanas, os protestos e a violência e todo aquele conflito, e foi muito, muito fraco em termos de participação. As pessoas ligavam e pouco e pouco sabiam do que estavam a falar. Entraram dez pessoas e só duas, é que se via que tinham conhecimento da história, que sabiam de forma mais profunda do que estava ali em jogo... mas em geral, não corre bem. Não dizem nada de jeito: "ah, isto é muito mau! Estão ali a provocar violência, ali na praça. Isto é muito mau, muito mau".

E: Como se escolhe o comentador que vai entrar em estúdio?

A.J.: Há vários critérios. Depende. Tentamos que seja alguém... não temos um perfil de pessoa, temos vários.

E: Mas há preferências conforme o tema?

A.J.: Sim. Claro que há uma série de pessoas que em cada área temática estão mais dentro do assunto. Ou porque é um professor universitário que já fez um estudo sobre a matéria ou porque é, no caso do futebol... Quando falamos de desporto, falamos de futebol. Quando há os jogos olímpicos, lá falamos sobre os jogos olímpicos (risos). No futebol são os comentadores jornalistas que temos na SIC e temos uma série deles. Pode haver, por exemplo, pessoas de organizações, académicos, jornalistas, comentadores de política, de sociedade... também há os politólogos, para os temas de política. Normalmente são jornalistas. Temos alguns de jornais. Varia muito. Pode ser da área da saúde, como o bastonário dos médicos, das outras ordens... Os professores e outros da função pública. Temas de economia temos economistas, professores universitários de várias universidades e institutos, jornalistas de economia.

E: E como é feito o contacto a esses convidados? Na TSF é feito no próprio dia, na hora que antecede o programa...

A.J.: Mas eles são rádio... e falam ao telefone. É completamente diferente (risos). Nós temos o problema de eles terem que vir a estúdio. Às vezes acontece também termos ao telefone, mas é quando é uma segunda ou terceira pessoa. Existe um outro em estúdio. E esse já contacta mais em cima, mas tentamos sempre com a maior antecedência. Claro que sendo ao telefone as pessoas são mais disponíveis porque não precisam de se deslocar, de vir a estúdio, porque é uma hora para cá ou meia hora... Ou a hora em que estão cá em estúdio. Também implica uma maior disponibilidade da vida deles.

E: Como funciona esse processo então?

185 **A.J.:** Ligamos para as pessoas que já conhecemos, falamos uns com os outros... Ou vamos procurar no momento.

E: No dia anterior, imagino?

190 **A.J.:** Claro. Quando o tema está definido começamos logo à procura do convidado. Se for para o programa da manhã, no dia anterior à tarde... às vezes a meio da tarde, às vezes ao final da tarde; depende também do andamento do trabalho. Por vezes temos que ligar para várias pessoas até ter alguém, porque uma série delas ou não atendeu ou estão indisponíveis.

E: Já aconteceu ninguém estar disponível?

195 **A.J.:** Já aconteceu ter que ligar para 15 pessoas até encontrar uma disponível. Muitas vezes também é logo à primeira e ficamos contentes, porque é mesmo a pessoa que queríamos e é muito expressiva e boa e até está disponível e vem. Quando é para o programa da tarde fazemos isso até à hora de almoço, tentamos ter isso resolvido... Porque também quanto mais tarde, mais as pessoas nos dizem que já tem coisas marcadas e que não podem mesmo. Às vezes há pessoas que fazemos favor de desmarcar e conseguem porque são coisas menos importantes, porque lhes dá jeito
200 ou porque querem muito vir e aquilo que têm é fácil de desmarcar. Também já aconteceu.

E: E há um cuidado de escolher comentadores que se sabe que se vão dar bem com o pivô?

205 **A.J.:** Com o pivô talvez nem tanto. Não digo que não aconteça num caso muito esporádico... acho que nesse aspecto o critério é mesmo que seja uma pessoa competente na matéria, que saiba falar de forma consistente sobre o assunto, que tenha uma ligação com aquele tema na realidade ou por estudos ou por trabalhar naquela área ou por ser um observador. E depois que tenha um discurso fluído e uma boa conversa e que por isso em televisão é muito importante. Que não seja uma
210 chata, maçuda que não desenvolva o raciocínio, que seja muito lenta ou que ande ali às voltas até conseguir chegar ao fim do raciocínio. Claro que nem sempre é possível, porque depende da disponibilidade delas. É mais esse critério se ele se vai dar bem com este pivô ou com o outro.

215 **E:** Em relação à produção propriamente dita, quais é que seriam as principais diferenças se o programa fosse em rádio ou se houvesse uma emissão paralela?

A.J.: Eu poria a questão assim um bocadinho ao contrário, porque no fundo é um formato de rádio a ser feito em televisão, que foi adaptado minimamente... mas que no fundo é um programa de rádio. Porque nós estamos a ouvir as pessoas, mas não as estamos a ver. Os espectadores que ligam e que participam ocupam uma parte importante do programa... claro que o convidado que está em estúdio é visto, mas...
220 nós já fizemos pontualmente Opiniões Publicas, por exemplo em datas de aniversário da SIC Notícias, com um directo da rua.

E: Acha que esse programa funcionaria melhor?

A.J.: Eu acho que teria alguns riscos. Também já fomos à rua entrevistar as pessoas sobre o tema e depois fazemos uma montagem com as várias opiniões e passamos no início ou a meio. Já se fez uma vez fizemos três blocos de duas ou três opiniões gravadas na rua, umas horas antes ou no dia anterior, e depois passamos. Agora, o que eu noto é que corremos sempre o risco, ainda se for em directo, as pessoas não estão dentro do assunto e acaba a opinião é aquela intervenção, pode nem ser
225 opinião, é muito frouxa em termo de matéria, de conteúdo. Acho que nesse aspecto, acho que apesar de ser um formato muito radiofónico funciona melhor as pessoas estarem ao telefone e estarem a ver o programa ao mesmo tempo, em simultâneo e já terem visto a reportagem e os depoimentos que passamos no início sobre o tema para enquadrar o assunto, para informar as pessoas sobre o assunto; a conversa com o
230 convidado... acho que isso acaba por ser uma mais valia para a intervenção das pessoas do que elas na rua, ou a fazer um directo.

E: Acha que o programa tem uma função educativa? Como falou da peça ao início e da intervenção inicial.

A.J.: Sim. Porque muitas vezes as pessoas vê-se que já, ou elas próprias dizem, eu vi ontem ou vi hoje de manhã ou há bocado no noticiário anterior, ou li no jornal ou vi na internet... E mesmo que não o digam, percebe-se. Pode-se perceber ou não. Não sabemos de onde vem aquela informação toda, mas vê-se que a pessoa está informada. Outras vezes vê-se que isto foi importante. A reportagem que passamos, a conversa inicial que o convidado teve também dá ali umas pistas para as pessoas
240 poderem opinar ou comparar com coisas que já tinham pensado antes ou que nunca tinham pensado.

E: Há vários ouvintes que ligam e dizem “pois, eu tive a ouvir o que o convidado dizem” e comentam em cima. Realmente, acha que há um papel educativo da vossa parte; de educar ou de informar.

250 **A.J.:** Eu não tenho essa preocupação. É mais de informar. Informar, lançar o tema para debate e depois deixar correr e o que as pessoas pensam sobre isto. Ou como é que através das pessoas que vão aqui participar que noção é que têm deste tema, desta realidade, deste problema.

E: Não acha então que o programa não tem um papel persuasivo da opinião pública?

255 **A.J.:** É mais de debate de ideias do que de informar, acho eu. Tem uma parte informativa, sim, mas é mais debater ideias, debater o tema e ouvir várias opiniões sobre esse tema, várias realidades... Digamos que era como se fosse aqueles debates em que estão no estúdio 3 ou 4 pessoas ou duas com, supostamente, opiniões divergentes ou na teoria, que torna a coisa mais rica. Aqui é com aquelas
260 pessoas todas que ligam, sabe-se lá quem, de onde. É isso. É mais o debate de ideias. Claro que num debate de ideias as pessoas podem sempre aprender coisas novas e educarem-se. Acho que é mais interessante.

E: Alguma vez teve a percepção no seu dia-a-dia que o facto de ter feito o programa de manhã com aquele tópico e com aquele convidado teve influência em alguma
265 decisão pública, política, económica...

A.J.: Eu acho que sim. Da elite política por exemplo. Acho que sim, acho que todo este tipo de programas, que todos os canais informativos têm programas deste género, e as rádios... acho que há uma grande preocupação da classe política em ouvir este tipo de programas e em tentar perceber o que é que as pessoas e os
270 cidadãos pensam. Agora, não sei se isso é determinante.

E: Então tem essa sensação, de que o programa é ouvido.

A.J.: Tenho algumas dúvidas (risos). Que seja determinante depois na tomada de decisão. Mas pelo menos para perceber. Claro que podem fazer estudos de opinião e fazem-no.

275 **E:** É difícil estabelecer uma relação causal entre o programa e o resto.

A.J.: Sim, sim. Eu não tenho dados suficientemente credíveis ou científicos para afirmar isso. E também há pessoas que dizem que a amostra não é suficiente e eu também percebo isso. Claro que também pode ser em parte, representativo daquilo que as pessoas pensam, mas não é científico. Para isso tinha que ser feito um estudo.
280 Mas acho que é importante haver este tipo de programas, mesmo sem se saber isso porque é, para já, uma oportunidade que se dá ao cidadão comum de expressar as suas opiniões na comunicação social. E que na altura que este tipo de programas

começaram, nomeadamente na TSF e depois nas televisões, não havia as
oportunidades e os veículos que há hoje. Temos as redes sociais: o Facebook, o
285 Twitter onde as pessoas podem discutir num âmbito mais alargado na sociedade...

E: Não pensam em aproveitar melhor as redes sociais, para além dos e-mails?

A.J.: Nós já usamos o Facebook. Não temos uma página própria, mas temos a da SIC
Notícias.

E: Mas os e-mail são destacados em rodapé dos programas, não pensam fazer o
290 mesmo com os comentários do Facebook?

A.J.: Não vale a pena. Não temos feito isso. Já fizemos com o Twitter recentemente
uma experiência, com programas sobre futebol. O Facebook, até agora, a política tem
sido deixar lá as perguntas que lançam o debate, o tema e as pessoas depois
comentam. E depois eu vou lá ver frequentemente ou a Liliana. Às vezes por exemplo,
295 há mais comentários no Facebook do que emails do que recebemos, mas não é
sempre... e também no Facebook são comentários mais curtos, o que tem a haver
com o meio que é e com o habito que as pessoas têm da forma como comunicam ali.

Marta Atalaya – A Apresentação do *Opinião Pública*

Posição à data da entrevista: Apresentadora do *Opinião Pública*, da SIC Notícias

Data da Realização da Entrevista: 25 de março de 2014, às 13:00

Local de Realização da Entrevista: Instalações da SIC em Carnaxide

Duração da Entrevista: 31 minutos e 41 segundos.

Entrevistadora (E): Há quanto tempo apresenta o *Opinião Pública*?

Marta Atalaya (M.A.): Bem, o *Opinião Pública* foi um programa que começou no arranque da SIC Notícias e acho que até é o programa diário mais antigo no canal. Eu não comecei logo de início, mas devo ter começado, sei lá, talvez dois anos depois. Há volta de nove anos. Foi mais ou menos na altura da Carla Jorge de Carvalho. Foi muito no início, mas quem começou não fomos nós, até porque éramos pivots mais inexperientes e tínhamos pivots de primeira linha e nós fazíamos os intercalares e depois comecei... Há uns 9, 10 anos.

10 **E:** Como é que surgiu o convite para participar no *Opinião Pública*?

M.A.: Foi uma coisa natural. Surgiu porque eu estava a fazer os noticiários nesse espaço e quando me falaram sobre isso, achei que era um desafio, porque é um programa em directo, é um programa em que nós não temos capacidade de fazer a selecção; são as pessoas que vêm até nós. Perguntaram-me se eu achava que tinha 15 mãos para fazer o programa e se me sentia confortável, porque de facto é um programa onde estamos muito expostos, em que acabamos por ter de trabalhar ali muito no imediato e termos que nos desvincular da situação e fiquei muito satisfeita quando me lançaram esse desafio. Até porque, além dessa parte do desafio, que é falar com as pessoas e sermos nós a procura-las sem grande triagem é muito 20 bom também para nos prepararmos para as entrevistas, porque temos entrevistas muito longas e temos de estar preparados para o caso de falharem os telefonemas e, no caso disso acontecer, temos que estar durante 45 minutos e 1 hora a entrevistar uma pessoa sobre um tema. Eu penso sempre no pior e que pode acontecer alguma coisa e procuro estruturar sempre o trabalho, no sentido de, se as linhas não 25 funcionarem ou se houver um problema no áudio, consigo aguentar uma conversa durante uma hora com o entrevistado. Foi de facto um desafio e acho que me ajudou

profissionalmente na parte da entrevista e é um programa que me dá imenso prazer fazer. Apesar destes anos todos, ainda me dá muito gozo fazer.

E: Ainda?

30 **M.A.:** Ainda.

E: Como é que é feita a sua preparação para o programa, tendo em conta que apresenta sobretudo de manhã?

35 **M.A.:** Nós sabemos na véspera, como é feito de manhã ou próprio dia se houver algum acontecimento que marca actualidade e se justificar mudar o tema. Eu, normalmente, preparo-me aqui de manhã. Quando chego, nós temos um dossier que a produção nos manda com textos e telex e informações de artigos jornais relativos ao tema. Além disso, procuro também ir à internet fazer a minha própria pesquisa, procurar jornais, artigos de opinião que tenham sido escritos ou veiculados pela
40 sites online.

E: Não dá nenhuma importância aos blogues?

M.A.: Aos blogues também, sim.

E: A Carla Jorge de Carvalho referiu que procura muita informação em blogues para ver opiniões diferentes...

45 **M.A.:** Sim, para ver opiniões que sejam um pouco divergentes. Também dou importância, sim.

E: Há temas que lhe exigem uma maior preparação? Se o tema for isto ou aquilo, já sabe que vai ter de estudar mais que o normal?

50 **M.A.:** Sim, por exemplo, o futebol. Gosto imenso de desporto, mas não estou por dentro do assunto. Não sou uma especialista em futebol para entrar em grandes pormenores das tácticas do sistema 3-2-2 (risos). Normalmente leio a Bola e o Record e o Jogo. Leio muito os jornais desportivos de manhã e os editoriais e opiniões dos jornalistas especializados e acho que é aquele tema que exige um pouco mais de preparação. Se bem que, como o tema acaba por ser recorrente... Por exemplo, agora
55 fazemos muito sobre a Liga Europa; se já fiz há uma semana atrás, já não exige tanto. Mas é a área em que eu talvez me sinta a necessitar um pouco mais do empenho na preparação, porque é uma área muito específica, muito exigente.

E: Acha que é por ser uma mulher a apresentar um Opinião Pública sobre futebol que lhe exige mais? Seria de esperar que, de certa maneira, quando o tema é futebol que pusessem o Opinião Pública nas mãos dos vossos jornalistas desportivos.

M.A.: Hoje em dia, a tendência tem vindo a mudar um pouco. Já há muitas jornalistas na área do desporto, mas tendencialmente ainda é um meio muito masculino. Eu lembro-me que antes de trabalhar em televisão, trabalhei no Correio da Manhã e fui para a área de desporto e não fazia muito futebol, que é <a> modalidade; <a> modalidade que os prós e os seniores faziam. Quando tinha que ir fazer um treino de futebol ou o resumo de um jogo, eu lembro-me que pedia ajuda, porque efectivamente é uma modalidade muito mais masculina. Acho que aí, penso que a tendência tem vindo a melhorar. A mulher jornalista está a entrar nessas áreas e é bom, porque acaba por ter uma visão um pouco diferente das coisas.

E: Até porque na SIC, há uma jornalista que é a Rosa...

M.A.: A Rosa Oliveira Pinto.

E: Exactamente. Que trata as questões de desporto. Perguntei isto, porque a Carla Jorge de Carvalho também referiu que o futebol e os temas ligados ao desporto que lhe exigiam mais dela em termos de preparação, porque era um tema que não estava muito habituada e, por exemplo, o Manuel Acácio disse que é dos programas que mais gosta de fazer porque sente-se mais à vontade. Daí a minha pergunta que se acha que exige mais pelo facto de ser mulher.

M.A.: Sem entrar numa conversa sexista, acaba por ser um pouco, porque as conversas entre homens, rapazes em miúdos é o futebol. As raparigas fogem um pouco dessas áreas, é quase cultural... Eu gosto muito das áreas sociais e sou muito sensível a essas áreas e, ao mesmo tempo, tem sido curioso, porque este programa já nos permitiu algumas situações de ajudarmos pessoas.

E: A sério?

M.A.: Já aconteceu casos de pessoas que tenham feito uma intervenção e que me tenham tocado muito, a mim e aos coordenadores e nós ficamos com o contacto e já conseguimos arranjar trabalho através do convidado que estava cá, que se inteirou da situação. Houve também um caso de um assessor do Ministro da Segurança Social, que estava a ouvir o programa e ficou muito sensibilizado com o caso de uma senhora e telefonou para cá a pedir o contacto para resolver a situação e acelerar o processo. Quando estas coisas acontecem, saiu daqui com a sensação de que é por isto que

vale a pena ser jornalista, que as notícias valem a pena. Já aconteceu algumas vezes e é uma sensação de bem-estar e de alguma felicidade, e de dever cumprido. Não só reflectimos o que se passa na vida das pessoas mas podemos, numa ou outra situação, arranjar respostas.

95 **E:** Isso é muito bom. Admito que não tinha a noção dessa vertente. Em relação aos comentadores que tem em estúdio consigo, a Marta tem alguma influência na escolha dos comentadores?

M.A.: Quando são da casa, e nós temos comentadores próprios nas várias áreas, normalmente são eles os privilegiados a vir. Se eventualmente não podem, acontece
100 nós fazemos alguma sugestão de, noutra altura ter vindo cá um convidado de um jornal e tenha falado muito bem sobre um tema e que tenha uma linguagem e uma mensagem muito boa, podemos achar que essa pessoa aguenta uma hora. Isto também é um risco, porque nem todas as pessoas gostam de vir aqui. Nós tentamos que não haja um confronto directo entre o convidado e os tele-espectadores. Nós
105 estamos sempre no meio e no fundo, estamos a defender as pessoas que vêm à nossa casa. Há situações que é complicado para o próprio entrevistado, porque são confrontados directamente pelos tele-espectadores e há muitas pessoas que não se sentem confortáveis nessa situação. Há pessoas que gostam imenso de vir, vêm com muita frequência e resultam muito bem e que apontam os casos e falam directamente
110 dos casos das pessoas e elas gostam disso, porque sentem que há alguma proximidade. Quando não são os comentadores, nós os pivôs temos liberdade de fazer sugestões e os coordenadores até agradecem, porque é bom variar um pouco o leque, e sair um e um bocadinho daquelas pessoas que são sempre as mesmas, as óbvias ou aquelas que estão aqui e que depois olhamos e já estão noutra canal e há
115 tanta gente interessante que pode trazer alguma coisa de novo. Já temos lançado aqui algumas pessoas, que começaram no Opinião Pública.

E: Procuram sempre diversificar o tipo de pessoas que vem ao programa?

M.A.: Sim, sempre.

E: Como é que a Marta faz a gestão do tempo entre ouvintes, comentador e as vossas
120 próprias intervenções?

M.A.: Não há um modelo rígido. Normalmente, até por questões técnicas, para dar tempo ao áudio de receber os telefonemas, começamos sempre por uma parte de intervenção de entrevista e depois, normalmente, não tenho um modelo fixo. Faço 3, 4 perguntas curtas e depois arrancamos. Faço perguntas curtinhas, porque isto no fim, é

125 um espaço das pessoas. Não é uma entrevista televisiva, é um espaço <das>
pessoas. Procuo ouvir o máximo de telefonemas possível, <mas> também não acho
que a quantidade deva privilegiar a qualidade, ou seja, há temas muito sensíveis, em
que as pessoas telefonam para aqui a contar os seus casos pessoais, os seus dramas
e eu não corto. Às vezes chega a um ponto e que a pessoa começa a entrar no
130 pormenor... às vezes, é o que eu digo, prefiro ouvir 7 ou 8 telefonemas mas que as
pessoas sentirem que tiveram propósito e a mensagem falhou do que terem
começado a dar o seu ponto de vista e cortar a palavra, porque tenho que ouvir não
sei quantos. Acho que é um desrespeito pelo tele-espectador. Depois é um bocadinho
a gestão, oiço 4 ou 5 telefonemas, volto para o convidado. Às vezes, os convidados
135 são tão bons que dá vontade de conversar mais com eles, como o caso do (... qq
coisa da Costa), que é um ótimo entrevistado, mas nunca esquecendo que o
programa é das pessoas. É aquela hora e temos pessoas que ligam com muita
frequência e nós já conhecemos as vozes delas e que temos a sensação de que este
bocadinho em que elas intervêm se calhar é o único bocadinho de alguém as ouve,
140 sobretudo as pessoas idosas.

E: Pessoas que lutam contra a solidão, tem essa percepção?

M.A.: Lutam. Lutam. Há muitos que tenho a noção de telefonam para cá e perguntam
“Hoje estão a falar do quê?”. Telefonam porque precisam de ser ouvidas e acho que
isto também é uma responsabilidade social nossa.

145 **E:** Isso foi algo que a Fernanda Oliveira também referiu, que foi que sabem que há
pessoas ligam todos dias, independentemente do tema.

M.A.: Sim, todos os dias. Às vezes dizem-me “Estou a falar do quê, Marta?”. “Ah,
sobre isto”. “Ah, se é sobre isso não sei muito bem falar” e começam a falar. Às vezes
eu digo “Não nos podemos afastar muito do tema”. Por acaso, é engraçado, porque já
150 conhecemos as vozes deles e quando vemos os nomes, já sabemos quem ele é. Às
vezes eles até dizem “Olá! Há muito tempo que não participava”. E eu “É verdade! Há
imenso tempo que não participava”, quase como um “Como tem andado?”. Cria-se
aqui uma relação de alguma cumplicidade.

E: Tem noção das diferenças, por exemplo, dessa questão do combate à solidão entre
155 a manhã e a tarde? Se já apresentou o suficiente de programas à tarde para ter essa
noção.

M.A.: Antigamente, notava-se mais a diferença. Porque antigamente, de manhã, eram
sobretudo donas de casa e domésticas e idosos que participavam. À tarde, era um

160 bocadinho mais diversificado o leque. O que é que acontece? Neste momento, com os
níveis de desemprego, notamos que há muita gente em casa. Gente muito nova,
pessoas que nos dizem que são desempregados, mas no telefonema dizem-nos que
eram biólogos, professores. Acho que essa diferença entre manhã e tarde tem-se
desvanecido por causa do desemprego e as pessoas estão mais em casa e intervêm
165 e a tarde, por acaso.

E: Há temas em que a Marta já sabe que vai ter um papel mais interventivo durante o
programa, ou depende muito da maneira como o programa vai correndo?

M.A.: Quando diz interventivo, diz em que sentido?

E: Da Marta intervir mais no programa, ao falar mais com o convidado, porque sabe
170 que as opiniões podem não ser muito produtivas e é melhor intervir mais?

M.A.: Há temas muito específicos quando são questões de... sei lá... De execução
orçamental ou sobre a *troika* que muitas vezes os telefonemas distanciam-se um
pouco daquilo que discutimos e eu procuro, trazer à discussão com o convidado,
perguntas que são lançadas pelos telespectadores, mas quando são pertinentes. Há
175 temas que, francamente, tenho que direccionar para entrevista, ou porque fazem
perguntas em que o convidado não está apto a responder por não ser a área dele, e aí
tem que haver mais intervenção da nossa parte; quando são áreas mais específicas.
Por exemplo, no futebol, não há problema. Todos são “treinadores de bancada”, todos
falam, todos dizem e são sempre opiniões muito sustentadas.

180 **E:** Quase que nem precisa de...

M.A.: Falar? Exactamente! Eu quase não precisava de dizer nada e às vezes até nos
ajudam nas perguntas. Às vezes fazem até perguntas... Porque isto é engraçado, que
já aconteceu, haverem intervenções muito pertinentes em que eu sinto “Epá, gostava
que algum assessor político estivesse a ouvir isto”, porque há sugestões muito
185 pertinentes, sustentadas de pessoas que ligam para aqui e que têm com opiniões
muito construtivas e não ligam para cá só para dizer mal e na política do desabafo.
<Também> pode funcionar um bocadinho como catarse... Mas, há opiniões que são
muito válidas e isso é muito bom. Tenho aprendido imenso e fazem pensar em
determinadas coisas doutra maneira.

190 **E:** Não acha que o programa tenha de certa maneira um papel persuasivo das elites?
Não tem essa percepção? Porque, por exemplo, o Manuel Acácio referiu na

entrevista... Eu perguntei meio a brincar, mas disto resultou uma resposta muito concreta. Perguntei-lhe se ele não achava que o programa dele é ouvido por quem deve ser ouvido, como um decisor político, como estava a referir, e que realmente às vezes, tem impacto real na decisão tomada e ele dizia “é difícil dizer que A por causa de B, mas que muitas vezes, B acontece porque houve A no programa, acontece”. Não tem essa percepção?

M.A.: Temos. Aliás, que acho que nós jornalistas temos um bocadinho essa responsabilidade e, no fundo, foi aquilo que me levou para aqui. É a sensação de poder arranjar soluções para a vida das pessoas e chamar à atenção para o que está errado. Às vezes é o que eu digo também... e ele tem razão. Não é propriamente causa-efeito, mas às vezes nós originamos o efeito das coisas e temos essa noção e no fundo essa responsabilidade. Penso que as pessoas também têm e muitas vezes, quando telefonam para aqui é numa tentativa desesperada de que consigam que alguém as oiça e consigam encontrar soluções para os seus problemas.

E: Eu acho essa perspectiva fantástica, porque normalmente não se tem... na teoria não há muito essa noção de que as pessoas ligam na procura de soluções. A teoria defende mais q as pessoas querem deitar cá para fora e não vêem a televisão enquanto solução. É engraçado que enquanto apresentadores do programa, que há essa capacidade de resolver problemas e que há cada vez mais pessoas a ligarem...

M.A.: Eu acho que isto no fundo... As pessoas, às vezes dizem “ligam para dizer mal” ou que os telefonemas não tem qualidade e acho que isto é muito mais válido do que a pessoa ir para o café lamentar-se sobre a vida ou a ficar em frente à televisão a chamar os decisores políticos de incompetentes e não sei quê. Não. As pessoas têm coragem para agarrar num telefone e fazerem a sua intervenção e poderem ser ouvidas e acho que este ponto também revela alguma coragem do cidadão querer ter alguma intervenção e da sociedade civil de facto estar um bocadinho mais mobilizada para encontrar respostas e não ficar só à espera que aconteça. Porque há ideia do que nós podemos fazer pelo país, e não o que o país pode fazer por nós... acho que há um bocadinho essa inferência e é bom que assim seja. Aliás, há casos... Por exemplo, daquela mulher que ficou dois anos à espera de uma colonoscopia no hospital Amadora-Sintra... Eu tenho a noção que se efectivamente o jornalismo não tivesse divulgado aquele caso, <jamais> se saberia e outros casos iriam acontecer... Por isso o ministério teve que correr um pouco atrás do prejuízo e resolver o problema. Porquê? Porque foi divulgado... porque se tivesse ficado na gaveta e nos segredos

dos deuses, talvez outras pessoas iriam sofrer com isso... É este o poder da comunicação social. De mexer e de acelerar algumas decisões políticas.

E: Ao longo dos anos em que apresenta o programa, sempre procurou uma atitude completamente imparcial na apresentação?

230 **M.A.:** Sempre.

E: Sei que a imparcialidade é um valor chave do jornalismo.

M.A.: Sim.

E: Mas às vezes, há temas que tocam tanto ou que lhes dizem tanto que se torna difícil?

235 **M.A.:** Tenho que fazer esse exercício.

E: Tem vontade de dizer?

M.A.: Tenho. Houve algumas vezes em que houve ali situações em que sou claramente contra... por exemplo, sou uma defensora dos animais e lembro-me de um programa em que tive uma pessoa a favor e outra contra a matança dos bois e eu tive ali um grande esforço porque às tantas um convidado que era a favor eu tive ali a fazer um esforço para me controlar para não fazer demasiadas perguntas que demonstrassem aquilo que eu pensava. E isso é um esforço que nós temos que fazer. Nós não estamos ali para dar opinião. Nós somos apenas o veículo de... e há temas que mexem com a nossa própria consciência que nos exigem aqui algum travão, mas é uma preocupação que eu continuo a manter. Acho que o jornalista não pode veicular opiniões. Tem a sua opinião, tem a sua religião, tem a sua cor política, a clubista... mas isso não tem que passar lá para fora. Mas e preciso fazer esse exercício em alguns temas e é bastante complicado.

240
245
E: Relativamente ao programa em si, acha que teria algo a ganhar se fosse transmitido em rádio, ou se houvesse uma transmissão conjunta com a rádio?

M.A.: Eu acho que temos um modelo muito parecido ao da TSF, com algumas mudanças em alguns pontos. Quer dizer, não há imagem, não é? A imagem tem muita força. Eu acho que foi feliz o facto de a SIC, porque foi a primeira televisão que começou isto, depois todos os canais seguiram um modelo que funciona. Acho que realiza a passagem da rádio para a televisão. O contrário... Nunca tinha pensado no

assunto. Eu acho que quanto mais se divulgar isto pela internet, todos os meios e mais alguns, acho que é importante salutar.

260 **E:** Acha que por exemplo, agora que falou no outras canais, acha que seria pertinente, na sua opinião enquanto apresentadora do programa, inserir comentários de ouvintes em vídeo? O programa da RTPN permite ao espectadores entrarem por SKYPE. Acha que o programa teria algo a ganhar ao dar aos espectadores a possibilidade da imagem?

265 **M.A.:** Se isso deixasse os espectadores confortáveis. Se achar que as opiniões deles vão ser exactamente transmitidas não dando a cara. Às vezes acontece, as pessoas telefonam para cá e dizem que “eu digo que sou isto, mas este é um nome fictício. Eu não sou tal”. Se a imagem e o parecer e darem a cara e se for confortável para o telespectador, não tenho nada contra. Se isso for um factor que as iniba de realmente dizerem aquilo que pensam, acho que não faz sentido.

270 **E:** Acha que o programa, pelo facto de tratar da opinião pública e ter um leque tão variado de tema, tem algum papel educador, entre aspas, da vossa audiência?

275 **M.A.:** Acho que sim. Acho que no fundo, é um formador para a opinião pública. Nós recolhemos muita informação e acho que isto funciona muito como um barómetro. Nós conseguimos perceber que as pessoas estão nesta altura na vida, estão muito zangadas e percebe-se isto no dia-a-dia, percebe-se a revolta das pessoas quando falamos com elas e quem faz isto há muito tempo percebe que essa exaltação percebe-se nos telefonemas. Mas eu acho que nós também temos esse papel, de educar, de sensibilizar, de tornar as pessoas mais exigentes, porque têm mais informação... de as por a pensar noutra maneira e a ouvir a opinião das outras e se calhar a questionar os seus próprios valores. Eu tenho essa (-) de melhorar e de
280 acreditar que posso melhorar a qualidade do conhecimento das pessoas. Acho que sim. Com total a humildade que isso requer.

285 **E:** A pergunta foi no sentido de perceber se o programa não será, porque mais uma vez, o Manuel Acácio dizia que o Fórum era mais um espelho da opinião pública que já exige. A função dele não era ensinar ninguém, não era formar ninguém e que nem sequer tinha essa ideia... Daí a minha pergunta... se realmente, é um simples meio de informação do que já existe ou se realmente tem a percepção de que influencia a opinião das pessoas num determinado sentido.

M.A.: Depende, depende. Acho que há todos os casos. Há claramente pessoas que eu acho que estão ali no desabafo. Pura e simplesmente estão ali para dar a sua

290 opinião de uma forma construtiva... Agora eu não tenho dúvidas nenhuma, que eu acho que há pessoas mais que não seja, podem não se informar, mas questionaram-se ao ouvir a opinião de outras pessoas e dos nossos convidados que se possam ter questionado: “*pera lá, este talvez é o outro lado e não tinha pensado assim*”. Eu acredito que isto pode ser assim.

295 **E:** A Marta tem essa noção quando está a apresentar o programa? Às vezes, com a interacção com o comentador, se há o cuidado de tentar mudar de caminho, porque ele parece estar a ser tendencioso e está a tentar levar as coisas só para um caminho?

M.A.: Procuo abrir o leque. Nós jornalistas também sentimos que temos que ser u
300 pouco os advogados do diabo, que é procurar sempre ouvir o outro lado e imaginar ele pensa aquela opinião e eu vou confrontá-los com a opinião contrária para perceber qual das opiniões que pode ser mais sustentada. Não podemos deixar-nos guiar pelo aquilo que ele diz. E é aí que o OP é muito equilibrado, porque tem a opinião do convidado e muitas vezes acontece que a maioria das pessoas tem opiniões
305 contrárias. E é tão bom que isso aconteça. É óptimo. É muito melhor quando vai só num sentido. Mas nos temos que fazer esse esforço, de procurar sempre puxar pelo outro lado. Não é ir sempre na mesma direcção.

E: A Marta acha-se como *opinion leader* pelo programa que apresenta?

M.A.: Isso é uma pergunta ingrata. Eu não me sinto. Não me sinto uma *opinion leader*,
310 mas gostava de um dia saber e lá está, na resolução dos problemas, gostava de saber que tive um papel importante na vida das pessoas, no sentido de lhes dar algum conforto. Eu lembro-me de há uns anos atrás e estava a fazer um programa sobre cancro e ligou uma senhora para cá, lavada em lágrimas porque tinha acabado de saber que tinha cancro de mama... E aquilo foi uma coisa que mexeu comigo e dei-lhe
315 bastante tempo... Aquilo não foi uma choradeira, mas foi uma opinião tao sentida que percebi que era precisava ali daquele tempo... ou outro caso, de uma mulher vitima de violência domestica, porque também são temas que nos estamos muito... e eu acho que já ajudamos muitas pessoas, no sentido de as encaminhar... que tem dizer, procure ajude... porque normalmente temos aqui pessoas especializadas que dizem o
320 que para aquele caso se deve fazer. Eu acho que temos uma função muito importante, mas gostava de sentir que naquele momento quando as pessoas ligaram que contribui para que as pessoas se sentissem um pouco melhor, que eventualmente tenha ajudado a solucionar um bocadinho o problema. Tenho essa ambição. Tenho...

325 **E:** Qual é que acha que é o futuro do Opinião Pública, na SIC ou passando por outros formatos... o que para si, seria o futuro ideal, entre aspas, para este programa?

M.A.: Para já, aquilo que nós já estamos a fazer aos pouquinhos, que é integrar as redes sociais.

E: Sei que há uma inserção aos *emails*, mas não há uma atenção ao Facebook.

330 **M.A.:** Tem razão. É ir um bocadinho por aí... e depois pronto. Ir diversificando e ir acompanhando a evolução das coisas, eventualmente, a questão dos SKYPES, colocar a imagem e acho que nós temos feito ao longo destes anos todos, de facto, algumas melhorias... mas eu acho que o programa, até porque deve continuar a existir. É um espaço que é útil para as pessoas, que as pessoas dão a sua opinião. Muitas vezes, a primeira coisa que as pessoas dizem quando ligam para cá é “ainda bem que estes programas existem”; ainda bem que vocês me dão a oportunidade; obrigado por ter a oportunidade de falar. As pessoas gostam de facto muito destes programas. Eu faço estes programas e depois faço quase sempre mais noticiários e muita gente vem ter comigo e dizem “ah, eu vejo muito o seu programa”. Associam-me muito, e a Carla ao programa. Porque é uma forma de nós nos aproximarmos das
335 pessoas e não tem triagem. Não somos nós jornalistas que quando fazemos uma reportagem procuramos as pessoas, são as pessoas que vêm até nós. E eu acho graça a isto.
340

E: Acha que o programa devia ser maior?

345 **M.A.:** Acho que há temas em que fazia sentido. Ficam imensas coisas por dizer, há imensos temas que são levantados pelas pessoas e dava para fazer duas horas de programa... mas lá está, temos grelha para cumprir... prova disso é que muitas vezes, principalmente com futebol se faz Opinião Pública especiais à noite, porque se percebe que as pessoas... E às vezes ligam para cá, zangados: “vocês, estão a falar de futebol não sei quantas vezes seguidas e têm que falar sobre não sei o quê”...
350 Pois, mas nós já falamos sobre tudo! sobre orçamentos... Mas porque as pessoas defendem isto assim um bocadinho de (-). Uma vez ligou um que “olhe, só porque acho que não deviam falar de futebol porque há coisas mais importantes no país para falar”, e desligou o telefone... “Pronto, ok... Fica registada a crítica, foi a opinião.” Temos que nos desvincular da situação e é um desafio. E depois obriga-nos a estar
355 uma hora em constante alerta... Temos que estar a ouvir e a seguir, e temos que estar naquela hora com a nossa cabeça no alto.

E: A Carla Jorge de Carvalho referiu que às vezes se sente numa bolha naquela hora.

M.A.: É verdade. Não há nada. Naquela altura, só interessa as pessoas, os telefonemas... porque, por um lado, temos que ter cuidado com o tipo de intervenção
360 que é para evitar situações desagradáveis e situações que não tem nada a ver com o
que nos estamos a discutir... E de forma educada e sem ferir as pessoas dizer que
aquele não é o tema e vamos ao que interessa e tentar puxar para aquilo que estamos
a discutir. Para aproveitar as intervenções das pessoas para questionar os
convidados... portanto, aquilo é uma hora em que estamos totalmente focados. Não
365 há nada mais nada à volta naquela hora. As vezes, quando fazemos notícias e
passamos as peças, podemos estar um bocadinho *out* e ali não. Ali estamos durante
uma hora centrados no tema e nas pessoas.

E: Acha que o programa teria a ganhar se fosse ao vivo?

M.A.: Já aconteceu isso uma vez. Aliás, várias vezes com o mesmo modelo de
370 estarem cá os líderes partidários e de nós irmos fazendo directos. Está um repórter no
café e dizia que perguntas que as pessoas queriam fazer... mas lá está. Muitas
ficavam constrangidas e não queriam falar. Mas funciona muito bem. Ou mesmo só
telefonemas, com perguntas colocadas directamente ao convidado. Isso funciona
muito bem. As pessoas sentem que têm ali a oportunidade de fazer o papel de
375 jornalista e fazer perguntas às quais gostavam de obter resposta. E isso funciona
muito bem. E com imagem também. São programas muito ritmados e as pessoas
gostam.

Anexo II – A Opinião Pública na TSF e na SIC Notícias: descrição geral.

1. Duração total do *corpus*

Número de emissões	68
Somatório de horas	67h19m

2. Cariz das emissões do *corpus*

Cariz do programa	Frequência	Percentagem (%)
Ordinário	63	92,6
Especial	5	7,4
Total	68	100,0

3. Número Total de Participantes por modalidade

	Total	Site	Redes Sociais	E-mail	Telefone
Número de Emissões	68	68	68	68	68
Média	32,75	13,15	8,29	1,87	9,44
Moda	10	0	0	0	8
Mínimo	4	0	0	0	4
Máximo	132	85	40	6	17
Somatório	2227	894	564	127	642

4. Temas abordados pelos dois programas de 1 de Abril a 9 de Maio

Área Temática	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Economia	21	30,9	30,9
Política	18	26,5	57,4
Desporto	14	20,6	77,9
Sociedade Civil	7	10,3	88,2
Saúde	4	5,9	94,1
Educação	2	2,9	97
Ambiente	1	1,5	98,5
Justiça	1	1,5	100
Total	68	100	

5. Distribuição das emissões por área temática, pelos dois programas

		Programa				Total	
		<i>Fórum TSF</i>		<i>Opinião Pública</i>			
		N	%	N	%		
Área Temática	Economia	9	42,9%	12	57,1%	21	100,0%
	Política	7	38,9%	11	61,1%	18	100,0%
	Desporto	0	0,0%	14	100,0%	14	100,0%
	Ambiente	0	0,0%	1	100,0%	1	100,0%
	Educação	0	0,0%	2	100,0%	2	100,0%
	Saúde	1	25,0%	3	75,0%	4	100,0%
	Justiça	0	0,0%	1	100,0%	1	100,0%
	Sociedade Civil	4	57,1%	3	42,9%	7	100,0%
Total		21	30,9%	47	69,1%	68	100,0%

Anexo III – A Opinião Pública na TSF e na SIC Notícias: caracterização sócio-demográfica.

1. Descrição Geral do Corpus

1.1. Duração do *Fórum*: Média, Moda, Mínimo, Máximo e Somatório

N	21
Medida	Hora:Minuto
Média	1:35
Moda	1:35
Máximo	1:43
Mínimo	1:25
Somatório	33:28

1.2. Cariz do Programa

Cariz do Programa	Frequência	Percentagem (%)
Ordinário	21	100,0
Extraordinário	0	0

1.3. Distribuição da área temática no programa *Fórum* da TSF.

Área Temática	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Economia	9	42,9	42,9
Política	7	33,3	76,2
Sociedade Civil	4	19	95,2
Saúde	1	4,8	100
Total	21	100	

1.4. Temas do Fórum nas emissões entre 1 de Abril e 9 de Maio

Data de Emissão	Tema do “Fórum”
01-04-2014	As Contas do Défice
02-04-2014	Estado Mau Pagador?
02-04-2014	Pensões, ordenados e impostos
03-04-2014	Manifestos e a participação democrática
08-04-2014	Passos Coelho e o Salário Mínimo
09-04-2014	Serviços de Urgência Médica
10-04-2014	Polémica no 25 de Abril
11-04-2014	O País e os Mercados
15-04-2014	Governo define novos cortes
16-04-2014	A Estratégia do Governo
17-04-2014	Deputados em Exclusividade
22-04-2014	Encerramento de Repartições de Finanças
23-04-2014	Que futuro pós-troika?
24-04-2014	O Estado da Democracia
28-04-2014	Pobreza e Cantinas Sociais
29-04-2014	O Preço do Gás
30-04-2014	A Estratégia do Governo
01-05-2014	O Peso dos Impostos
05-05-2014	A Saída Limpa
06-05-2014	A Carta para o FMI
08-05-2014	Apoio aos Desempregados

2. A Opinião Pública na TSF e na SIC Notícias – Modalidades de Participação

2.1 Medidas de Tendência Central e de Dispersão

Número de Participantes		
	Fórum TSF	Opinião Pública
Número de Emissões	21	47
Média	67,67	17,15
Moda	62	10
Mínimo	29	4
Máximo	132	72
Somatório	1421	806

2.2 Perspectiva Geral das Modalidades de Participação

Fórum TSF

Fórum TSF	Participantes Site	Participantes Redes Sociais	Participantes por E-mail	Participantes por Telefone
Média	39,05	12,76	4,67	11,19
Moda	23a	9	6	7a
Mínimo	17	0	2	7
Máximo	85	27	6	17
Somatório	820	268	98	235

Opinião Pública

Opinião Pública	Participantes Site	Participantes Redes Sociais	Participantes por E-mail	Participantes por Telefone
Média	1,57	6,3	0,62	8,66
Moda	0	0	0	8
Mínimo	0	0	0	4
Máximo	23	40	6	15
Somatório	74	296	29	407

Proporção das várias modalidades em percentagem

	Site		Redes Sociais		E-mail		Telefone	
	Fórum TSF	Opinião Pública	Fórum TSF	Opinião Pública	Fórum TSF	Opinião Pública	Fórum TSF	Opinião Pública
Frequência	820	74	268	296	98	29	235	407
Percentagem (%)	57,70	9,18	18,86	36,72	6,90	3,60	16,54	50,5

2.3 Participantes por Emissão e por Modalidade de Participação

TSF

Tema da Emissão	Total de participantes	Modalidade de Participação			
		Site	Redes Sociais	E-mail	Telefone
As Contas do Défice	75	47	10	5	13
Estado Mau Pagador?	62	31	11	3	17
Manifestos e a participação democrática	82	46	19	6	11
Passos Coelho e o Salário Mínimo	40	23	0	4	13
Serviços de Urgência Médica	29	17	3	2	7
Polémica no 25 de Abril	132	85	25	5	17
O País e os Mercados	59	37	9	6	7
Governo define novos cortes	56	43	2	4	7
A Estratégia do Governo	74	49	9	6	10
Deputados em Exclusividade	88	40	27	6	15
Encerramento de Repartições de Finanças	62	33	9	4	16
Que futuro pós-troika?	41	21	5	6	9
O Estado da Democracia	50	34	0	5	11
Pobreza e Cantinas Sociais	79	48	16	6	9
O Preço do Gás	49	29	10	2	8
A Estratégia do Governo	38	23	4	4	7
Pensões, ordenados e impostos	74	35	21	5	13
A saída limpa	91	56	21	4	10
A Carta para o FMI	82	41	22	6	13
O Peso dos Impostos	62	29	19	3	11
Apoio aos Desempregados	96	53	26	6	11

Opinião Pública

Tema da Emissão	Total de participantes	Site	Redes Sociais	E-mail	Telefone
Alterações Climáticas	8	0	0	0	8
Desemprego em Portugal	7	0	3	0	7
Pagar IMI a Mais?	11	0	3	2	6
Insucesso Escolar	15	2	3	0	10
Liga Europa	16	0	4	0	12
Liga Europa	11	0	3	0	8
Debate Quinzenal	14	0	3	2	9
O Sector da Saúde em Portugal	36	2	25	0	9
Aumento do Salário Mínimo Nacional	15	0	7	1	7
Comportamento dos Bancos	17	0	8	0	9
Financiamento de Portugal no Pós-Troika	8	0	0	0	8
Falhas na Emergência Médica	20	2	12	1	5
Sobre-endividamento dos Portugueses	21	0	10	2	9
Liga Europa	24	0	12	2	10
Liga Europa	10	0	0	0	10
25 de Abril, 40 Anos depois	7	0	0	0	7
Novo Cálculo das Pensões	45	11	26	1	7
Entrevista a Passos Coelho	10	1	3	0	6
Entrevista a Passos Coelho	30	2	20	0	8
Taça de Portugal	11	0	6	0	5
Militares nas Comemorações do 25 de Abril	48	0	40	0	8
Taça de Portugal	30	2	20	0	8
Benfica x Olhanense	10	0	0	0	10
O Estado da Educação, 40 anos depois do 25 de Abri	11	0	0	0	11
Benfica é Campeão	34	0	18	1	15
Benfica é Campeão	21	3	8	1	9
Estado da Justiça, 40 anos depois do 25 de Abril	15	1	5	0	9
Exigências da Troika	9	0	3	0	6
Estado da Saúde, 40 anos depois do 25 Abril	11	0	0	0	11
Debate Quinzenal	10	0	2	1	7

O Estado da Democracia	72	23	30	6	13
Liga Europa	19	1	8	0	10
Comemorações do 25 de Abril	9	0	0	0	9
Taça da Liga	12	0	0	0	12
Taça da Liga	37	23	4	2	8
Preço do Gás	12	0	0	2	10
Estratégia Orçamental	11	0	2	2	8
Estratégia Orçamental	8	0	0	0	8
Irregularidades na Facturação dos Comerciantes	12	0	0	3	9
Documento de Estratégia Orçamental	4	0	0	0	4
Liga Europa	8	0	0	0	8
12ª Avaliação da Troika	12	0	0	0	12
Saída Limpa	9	0	0	0	9
Crianças e Jovens em Risco	7	0	0	0	7
Novo Treinador do FCP	10	0	0	0	10
40 Anos do PSD	17	1	8	0	8
Debate Quinzenal	8	0	0	0	8

2.4 Distribuição dos Participantes por Modalidade por área temática

		área temática							
		Economi a	Polític a	Saúd e	Sociedad e Civil	Desport o	Ambient e	Educaçã o	Justiç a
Fórum TSF	Site	295	347	17	161	0	0	0	0
	Redes Sociais	87	134	3	44	0	0	0	0
	E-mail	38	37	2	21	0	0	0	0
	Telefone	98	83	7	47	0	0	0	0
Opinião Pública	Site	28	14	2	1	25	0	3	1
	Redes Sociais	63	97	21	8	91	0	11	5
	E-mail	9	3	3	0	11	0	3	0
	Telefone	98	87	19	26	145	8	15	9

2.4 Número de Participantes por Modalidade

Número de Participantes Total e a sua ocorrência

Número de Participantes	Frequência	Percentagem (%)
29	1	4,8
38	1	4,8
40	1	4,8
41	1	4,8
49	1	4,8
50	1	4,8
56	1	4,8
59	1	4,8
62	3	14,3
74	2	9,5
75	1	4,8
79	1	4,8
82	2	9,5
88	1	4,8
91	1	4,8
96	1	4,8
132	1	4,8
Total	21	100,0

Participação pelo site.

Número de participantes	Frequência	Porcentagem (%)
10	1	4,8
17	1	4,8
21	1	4,8
23	2	9,5
29	1	4,8
31	1	4,8
33	1	4,8
34	1	4,8
35	1	4,8
37	1	4,8
40	1	4,8
41	1	4,8
43	1	4,8
46	1	4,8
47	1	4,8
48	1	4,8
49	1	4,8
53	1	4,8
56	1	4,8
85	1	4,8
Total	21	100,0

Participação pelas Redes Sociais

Número de participantes	Frequência	Porcentagem (%)
0	2	9,5
2	1	4,8
3	1	4,8
4	1	4,8
5	1	4,8
9	3	14,3
10	1	4,8
11	1	4,8
16	1	4,8
19	2	9,5
21	2	9,5
22	1	4,8
25	1	4,8
26	1	4,8
27	1	4,8
29	1	4,8
Total	21	100,0

Comentários destacados em antena pelo moderador

Número de participantes	Frequência	Porcentagem (%)
2	3	14,3
3	2	9,5
4	4	19,0
5	5	23,8
6	7	33,3
Total	21	100,0

Participação por telephone

Medidas de Tendência Central e de Dispersão

Frequência	Válido	235
	Comentários	98
Medida		Hora:Minuto
Média		0:02
Moda		0:02
Mínimo		0:01
Máximo		0:08
Somatório		10:10

Frequências

Número de participantes	Frequência	Porcentagem (%)
7	4	19,0
8	2	9,5
9	1	4,8
10	3	14,3
11	3	14,3
13	4	19,0
15	2	9,5
17	2	9,5
Total	21	100,0

3. A Opinião Pública no *Fórum* – caracterização sócio-demográfica

3.1 Tipo de Participação

Tipo de Participação destacado em Antena	Frequência	Percentagem (%)
Telefone	235	70,6
Email/Comentário Destacado	98	29,4
Total	333	100,0

3.2 Participantes mais frequentes

Nome e quantidade de participação

Participante	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Abel Moreira	1	,3	,3
Afonso Martins	1	,3	,6
Afonso Ribeiro	1	,3	,9
Albano Gouveia	1	,3	1,2
Alda Serafim	1	,3	1,5
(....)			
Carlos Lopes	3	,9	86,8
João Gonçalves	3	,9	87,7
Joaquim Almeida Santos	3	,9	88,6
Joaquim Marques	3	,9	89,5
Jorge Silva	3	,9	90,4
Manuel Gonçalves	3	,9	91,3
Ana Maria Luz	4	1,2	92,5
Maria Silva	4	1,2	93,7
Fernando Pinheiro	5	1,5	95,2
Nuno Silva	5	1,5	96,7
Ricardo Brito	5	1,5	98,2
Sérgio Duarte Reis Neves	6	1,8	100,0
Total	333	100,0	

Distribuição da sua participação pela área temática e modalidade

Participante	Área Temática	Número Total de Participações	Participação por Comentário	Participação por Telefone	
				Somatório	0:08
Carlos Lopes	Economia (2)	3	0	Média	0:02
	Sociedade Civil (1)				
João Gonçalves	Economia (1)	3	3		
	Sociedade Civil (2)				
Joaquim Almeida Santos	Política (1)	3	3		
	Sociedade Civil (2)				
Joaquim Marques	Política (2)	3	0	Somatório	0:06
	Sociedade Civil (1)			Média	0:02
Jorge Silva	Economia (1)	3	2	Somatório	0:06
	Política (1)			Média	0:03
	Sociedade Civil (1)				
Manuel Gonçalves	Economia (2)	3	0	Somatório	0:07
	Sociedade Civil (1)			Média	0:02
Ana Maria Luz	Política (2)	4	0	Somatório	0:10
	Sociedade Civil (2)			Média	0:02
Maria Silva	Economia (2)	4	4		
	Política (2)				
Fernando Pinheiro	Economia (2)	5	5		
	Sociedade Civil (3)				
Nuno Silva	Política (2)	5	5		
	Economia (1)				
	Saúde (1)				
	Sociedade Civil (1)				
Sérgio Duarte Reis Neves	Economia (3)	6	6		
	Política (2)				
	Sociedade Civil (1)				
Ricardo Brito	Economia (5)	7	0	Somatório	0:23
	Sociedade Civil (2)			Média	0:05

3.2 Género

Género	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	276	82,9
Feminino	57	17,1
Total	333	100,0

3.3 Profissão dos Ouvintes

Classificação Portuguesa das Profissões, de 2010

Grupo Classificativo	Denominação do Grupo Classificativo
0	Profissões das Forças Armadas
1	Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, dirigentes, directores e Gestores Executivos
2	Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas
3	Técnicos e Profissões de Nível Intermédio
4	Pessoal Administrativo
5	Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e de Segurança e Vendedores
6	Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta
7	Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices
8	Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem
9	Não Activos

Adaptado de Instituto Nacional de Estatística. (2010). *Classificação Portuguesa das Profissões*, I.P. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Profissão dos Ouvintes por Grupo Classificativo

Grupo Classificativo	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Profissões das Forças Armadas	3	1,3	1,3
Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, dirigentes, directores e Gestores Executivos	48	20,4	21,7
Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas	57	24,3	46,0
Técnicos e Profissões de Nível Intermédio	13	5,5	51,5
Pessoal Administrativo	14	6,0	57,4
Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e de Segurança e Vendedores	29	12,3	69,8
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta	2	,9	70,6
Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices	5	2,1	72,8
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	6	2,6	75,3
Não Activos	54	23,0	98,3
Não Fornecido	4	1,7	100,0
Total	235	100,0	

3.4 Localização dos Ouvintes

		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem dos válidos (%)	Percentagem Acumulada (%)
NUTS II	Norte	80	24,0	34,8	34,8
	Centro	27	8,1	11,7	46,5
	Lisboa	102	30,6	44,3	90,9
	Alentejo	2	,6	,9	91,7
	Algarve	3	,9	1,3	93,0
	Madeira	2	,6	,9	93,9
	Açores	2	,6	,9	94,8
	Em Viagem	10	3,0	4,3	99,1
	Estrangeiro	2	,6	,9	100,0
	Total	230	69,1	100,0	
Não Fornecido		5	1,5		
Comentários		98	29,4		
Total		103	30,9		
Total		333	100,0		

Anexo IV – A Opinião Pública na SIC Notícias

1. Descrição Geral do Corpus

1.1 Duração do *Opinião Pública*: Média, Moda, Mínimo, Máximo e Somatório

Número de Emissões	47
Medida	Hora:Minuto
Média	0:43
Moda	0:45
Mínimo	0:14
Máximo	1:14
Somatório	33:51

1.2 Cariz do Programa

Cariz do Programa	Frequência	Percentagem (%)
Ordinário	42	89,4
Especial	5	10,6
Total	47	100,0

1.3 Distribuição da área temática dos programas pelo seu cariz

		Cariz do Programa		Total
		Ordinário (%)	Especial (%)	
Área Temática	Economia	100,0%		100,0%
	Política	90,9%	9,1%	100,0%
	Desporto	78,6%	21,4%	100,0%
	Ambiente	100,0%		100,0%
	Educação	100,0%		100,0%
	Saúde	100,0%		100,0%
	Justiça	100,0%		100,0%
	Sociedade Civil	66,7%	33,3%	100,0%
Total		89,4%	10,6%	100,0%

1.4 Distribuição da área temática no *Opinião Pública*.

Área Temática	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada
Economia	12	25,5	25,5
Política	11	23,4	48,9
Desporto	14	29,8	78,7
Ambiente	1	2,1	80,9
Educação	2	4,3	85,1
Saúde	3	6,4	91,5
Justiça	1	2,1	93,6
Sociedade Civil	3	6,4	100,0
Total	47	100,0	

1.5 Temas do *Opinião Pública* nas emissões entre 1 de Abril e 9 de Maio

Data da Emissão	Horário	Tema do Programa
01-04-2014	Manhã	Alterações Climáticas
01-04-2014	Tarde	Desemprego em Portugal
02-04-2014	Manhã	Pagar IMI a Mais?
02-04-2014	Tarde	Insucesso Escolar
03-04-2014	Manhã	Liga Europa
03-04-2014	Tarde	Liga Europa
04-04-2014	Tarde	Debate Quinzenal
07-04-2014	Manhã	O Sector da Saúde em Portugal
07-04-2014	Tarde	Aumento do Salário Mínimo Nacional
08-04-2014	Manhã	Comportamento dos Bancos
08-04-2014	Tarde	Financiamento de Portugal no Pós-Troika
09-04-2014	Manhã	Falhas na Emergência Médica
10-04-2014	Manhã	Sobre-endividamento dos Portugueses
10-04-2014	Tarde	Liga Europa
11-04-2014	Tarde	Liga Europa
14-04-2014	Manhã	25 de Abril, 40 Anos depois
15-04-2014	Manhã	Novo Cálculo das Pensões
15-04-2014	Tarde	Entrevista a Passos Coelho
16-04-2014	Manhã	Entrevista a Passos Coelho
16-04-2014	Tarde	Taça de Portugal
17-04-2014	Tarde	Militares nas Comemorações do 25 de Abril
17-04-2014	Tarde	Taça de Portugal
20-04-2014	Manhã	Benfica x Olhanense
21-04-2014	Manhã	O Estado da Educação, 40 anos depois do 25 de Abri
21-04-2014	Tarde	Benfica é Campeão
21-04-2014	Manhã	Benfica é Campeão
22-04-2014	Manhã	Estado da Justiça, 40 anos depois do 25 de Abril
22-04-2014	Tarde	Exigências da Troika
23-04-2014	Manhã	Estado da Saúde, 40 anos depois do 25 Abril
23-04-2014	Tarde	Debate Quinzenal
24-04-2014	Manhã	O Estado da Democracia
24-04-2014	Tarde	Liga Europa
25-04-2014	Tarde	Comemorações do 25 de Abril
27-04-2014	Tarde	Taça da Liga
28-04-2014	Manhã	Taça da Liga
28-04-2014	Tarde	Preço do Gás
29-04-2014	Manhã	Estratégia Orçamental
29-04-2014	Tarde	Estratégia Orçamental
30-04-2014	Manhã	Irregularidades na Facturação dos Comerciantes
01-05-2014	Manhã	Documento de Estratégia Orçamental
02-05-2014	Manhã	Liga Europa

02-05-2014	Tarde	12ª Avaliação da Troika
------------	-------	-------------------------

05-05-2014	Manhã	Saída Limpa
06-05-2014	Manhã	Crianças e Jovens em Risco
06-05-2014	Tarde	Novo Treinador do FCP
07-05-2014	Manhã	40 Anos do PSD
09-05-2014	Tarde	Debate Quinzenal

1.6 Género dos Apresentadores do *Opinião Pública*

Género do Apresentador	Percentagem (%)
Masculino	42,6%
Feminino	57,4%

1.7 Nome dos Apresentadores do *Opinião Pública*

Nome do Apresentador	Veze em que Apresentou o Programa
Carla Jorge de Carvalho	5
João Abreu	1
Luís Marçal	1
Marta Atalaya	8
Miguel Ribeiro	10
Rita Neves	5
Rodrigo Pratas	7
Rosa Oliveira Pinto	1
Teresa Dimas	8
Total	46

2. Modalidades de Participação

2.1 Perspectiva Geral das Modalidades de Participação no *Opinião Pública*

	Total de Participantes	Participantes Site	Participantes Redes Sociais	Participantes por E-mail	Participantes por Telefone
Número de Emissões	47				
Média	17,04	1,57	6,30	,62	8,64
Moda	11	0	0	0	8
Mínimo	4	0	0	0	4
Máximo	72	23	40	6	15
Somatório	802	74	296	29	406

	Participantes Site	Participantes Redes Sociais	Participantes por E-mail	Participantes por Telefone	Total
Frequência	74	287	29	406	799
Porcentagem (%)	9,26	35,91	3,50	50,81	100

2.2 Distribuição dos Participantes pelo horário de emissão

		Horário de Emissão		Total
		Manhã	Tarde	
Número de Participantes no Programa	4	4,2%		2,1%
	7	8,3%	4,3%	6,4%
	8	4,2%	17,4%	10,6%
	9	4,2%	8,7%	6,4%
	10	12,5%	8,7%	10,6%
	11	4,2%	21,7%	12,8%
	12	12,5%	4,3%	8,5%
	14		4,3%	2,1%
	15	12,5%		6,4%
	16	4,2%		2,1%
	17	8,3%		4,3%
	19	4,2%		2,1%
	20	4,2%		2,1%
	21	4,2%	4,3%	4,3%
	24	4,2%		2,1%
	30	4,2%	4,3%	4,3%
	34	4,2%		2,1%
	36		4,3%	2,1%
	37		4,3%	2,1%
45		4,3%	2,1%	
48		4,3%	2,1%	
72		4,3%	2,1%	
Total		100,0%	100,0%	100,0%

2.3 Distribuição dos Participantes por Emissão e por Modalidade

2.4 Número de Participantes por Modalidade

Participação pelo site

Número de Participantes	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
0	34	72,3	72,3
1	4	8,5	80,9
2	5	10,6	91,5
3	1	2,1	93,6
11	1	2,1	95,7
23	2	4,3	100,0
Total	47	100,0	

Participantes pelas redes sociais

Número de Participantes	Frequência	Porcentagem (%)	Porcentagem Acumulada (%)
0	19	40,4	40,4
2	2	4,3	44,7
3	7	14,9	59,6
4	2	4,3	63,8
5	1	2,1	66,0
6	1	2,1	68,1
7	1	2,1	70,2
8	4	8,5	78,7
10	1	2,1	80,9
12	2	4,3	85,1
18	1	2,1	87,2
20	2	4,3	91,5
25	1	2,1	93,6
26	1	2,1	95,7
30	1	2,1	97,9
40	1	2,1	100,0
Total	47	100,0	

Participantes por email

Número de Participantes	Frequência	Porcentagem (%)	Porcentagem Acumulada (%)
0	32	68,1	68,1
1	6	12,8	80,9
2	7	14,9	95,7
3	1	2,1	97,9
6	1	2,1	100,0
Total	47	100,0	

Participantes por telefone

Medidas de Tendência Central e de Dispersão

N	Chamadas	406
	Comentários	29
	Medida	Hora:Minuto
	Média	0:02
	Moda	0:02
	Mínimo	0:01
	Máximo	0:07
	Somatório	15:35

Duração da Chamadas

Duração da Chamada	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
0:01	116	26,7	28,6
0:02	141	32,4	63,3
0:03	84	19,3	84,0
0:04	47	10,8	95,6
0:05	13	3,0	98,8
0:06	3	,7	99,5
0:07	2	,5	100,0
Total	406	93,3	
Comentários	29	6,7	
Total	435	100,0	

Cariz das Chamadas

Cariz da Chamada	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem Acumulada (%)
Completa	380	87,4	93,6	93,6
Cortada	26	6,0	6,4	100,0
Total	406	93,3	100,0	
Comentários	29	6,7		
Total	435	100,0		

Número de participantes por telefone

Número de telefonemas	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
4	1	2,1	2,1
5	2	4,3	6,4
6	3	6,4	12,8
7	6	12,8	25,5
8	12	25,5	51,1
9	9	19,1	70,2
10	7	14,9	85,1
11	2	4,3	89,4
12	3	6,4	95,7
13	1	2,1	97,9
15	1	2,1	100,0
Total	47	100,0	

3. Caracterização Sociodemográfica

3.1 Tipo de participação dos que entraram em antena

Tipo de participação	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Telefone	406	93,3	93,3
Email	21	4,8	98,2
Redes Sociais (Twitter e/ou Facebook)	8	1,8	100,0
Total	435	100,0	

3.2 Participantes mais Frequentes

Fórum TSF		Opinião Pública	
Participante	Frequência	Participante	Frequência
Jorge Silva	3	Carlos Santos	3
Manuel Gonçalves	3	Cidália Luís	3
Ana Maria Luz	3	Daniel Teixeira	3
Maria Silva	3	João Carlos	3
Fernando Pinheiro	3	José Ferreira	3
Nuno Silva	3	Nuno Fonseca	3
Ricardo Brito	4	Rui Tavares	3
Sérgio Duarte Reis Neves	4	Francisco Silva	4

Forma de participação dos participantes mais frequentes

Nome do Participante	Telefone	E-mail	Redes Sociais (Twitter e/ou Facebook)	Total
Carlos Santos	3	0	0	3
Cidália Luís	3	0	0	3
Daniel Teixeira	3	0	0	3
João Carlos	3	0	0	3
José Ferreira	2	1	0	3
Nuno Fonseca	3	0	0	3
Rui Tavares	3	0	0	3
Francisco Silva	3	1	0	4

3.3 Género

Distribuição do Género dos Participantes por telefone e e-mails destacados

Género		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem Acumulada (%)
Chamadas e E-mails	Masculino	349	80,2	81,5	81,5
	Feminino	79	18,2	18,5	100,0
	Total	428	98,4	100,0	
Missing		7	1,6		
Total		435	100,0		

Distribuição dos participantes por género e por horário de transmissão

		Horário de Transmissão		Total	
		Manhã	Tarde		
Género	Masculino	Frequência	170	179	349
		% dentro de horário	77,6%	85,6%	81,5%
	Feminino	Frequência	49	30	79
		% dentro de horário	22,4%	14,4%	18,5%
Total		Frequência	219	209	428
		% dentro de horário	100,0%	100,0%	100,0%

3.3 Idade

Distribuição dos participantes por escalão etário

Escalão Etário	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Menos de 18 anos	3	,7	,7
Dos 19 aos 25	15	3,4	4,1
Dos 26 aos 30	21	4,8	9,0
Dos 31 aos 40	58	13,3	22,3
Dos 41 aos 50	103	23,7	46,0
Dos 51 aos 60	96	22,1	68,0
Dos 61 aos 65	43	9,9	77,9
Acima dos 65	62	14,3	92,2
Não Fornecido	34	7,8	100,0
Total	435	100,0	

Medida de Tendência Central: Média e Moda

Frequência	Válido	396
	Missing	39
Média		50,52
Moda		48

Distribuição da participação por escalão etário e por horário de emissão

Escalão Etário		Horário de Emissão		Total
		Manhã	Tarde	
Menos de 18 anos	Frequência	2	1	3
	% do horário de emissão	0,9%	0,5%	0,7%
Dos 19 aos 25	Frequência	3	12	15
	% do horário de emissão	1,4%	5,6%	3,4%
Dos 26 aos 30	Frequência	13	8	21
	% do horário de emissão	5,9%	3,7%	4,8%
Dos 31 aos 40	Frequência	33	25	58
	% do horário de emissão	15,0%	11,6%	13,3%
Dos 41 aos 50	Frequência	58	45	103
	% do horário de emissão	26,4%	20,9%	23,7%
Dos 51 aos 60	Frequência	41	55	96
	% do horário de emissão	18,6%	25,6%	22,1%
Dos 61 aos 65	Frequência	21	22	43
	% do horário de emissão	9,5%	10,2%	9,9%
Acima dos 65	Frequência	38	31	69
	% do horário de emissão	17,3%	14,4%	15,9%
Não Fornecido	Frequência	11	16	27
	% do horário de emissão	5,0%	7,4%	6,2%
Total	Frequência	220	215	435
	% do horário de emissão	100,0%	100,0%	100,0%

3.4 Profissão

Classificação Portuguesa das Profissões, de 2010

Grupo Classificativo	Denominação do Grupo Classificativo
0	Profissões das Forças Armadas
1	Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, dirigentes, directores e Gestores Executivos
2	Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas
3	Técnicos e Profissões de Nível Intermédio
4	Pessoal Administrativo
5	Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e de Segurança e Vendedores
6	Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta
7	Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices
8	Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem
	Não Activos

Adaptado de Instituto Nacional de Estatística. (2010). *Classificação Portuguesa das Profissões, I.P.*

Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Distribuição dos participantes do grupo classificativo da profissão

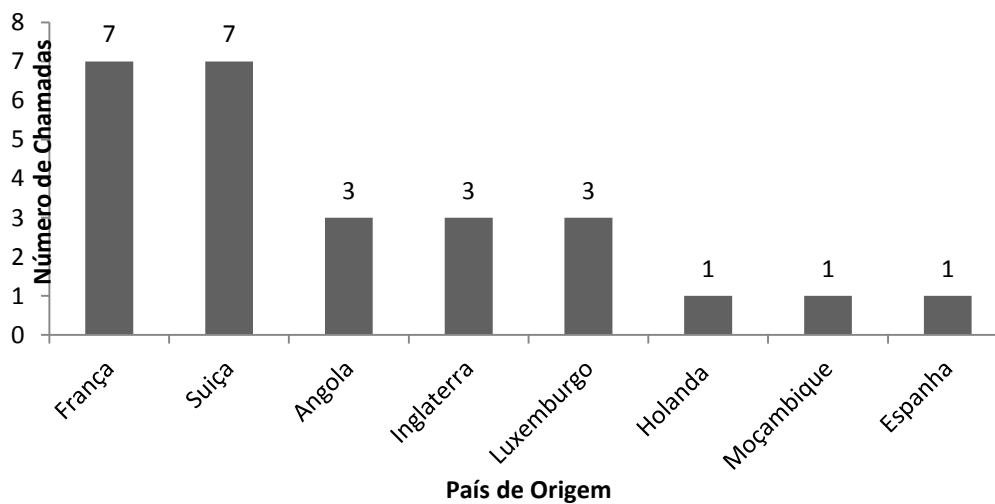
Grupo Classificativo	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem Acumulada (%)
1	26	6,0	6,0	6,0
2	44	10,1	10,2	16,2
3	18	4,1	4,2	20,4
4	38	8,7	8,8	29,2
5	66	15,2	15,3	44,5
6	4	,9	,9	45,5
7	17	3,9	3,9	49,4
8	14	3,2	3,2	52,7
Não Activos	175	40,2	40,6	93,3
Participação por Email	29	6,7	6,7	100,0
Total	431	99,1	100,0	
Não Fornecido	4	,9		
Total	435	100,0		

Distribuição dos “Não Activos”

	Frequência	Percentagem (%)
Desempregados	54	30,9
Domésticas	13	7,4
Estudantes	20	11,4
Reformados	88	50,3
Total	175	100,0

3.5 Origem Geográfica dos Ouvintes

Zona Geográfica por NUTs II	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida (%)	Percentagem Acumulada (%)
Norte	94	21,6	21,7	21,7
Centro	42	9,7	9,7	31,4
Lisboa	193	44,4	44,6	76,0
Alentejo	22	5,1	5,1	81,1
Algarve	13	3,0	3,0	84,1
Madeira	7	1,6	1,6	85,7
Açores	7	1,6	1,6	87,3
Estrangeiro	26	6,0	6,0	93,3
Participação por e-mail	29	6,7	6,7	100,0
Total	433	99,5	100,0	
Não Fornecido	2	,5		
Total	435	100,0		



Anexo IV – O Mercado dos Comentadores na TSF e na SIC Notícias

1. Os Comentadores numa perspectiva global

1.1 Medidas de Tendência Central e de Dispersão

Número de Emissões	68
Moda	1
Mínimo	0
Máximo	8
Soma	154

1.2 Frequência do número de comentadores em ambos os programas

Número de Convidados	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
0	1	1,5	1,5
1	45	66,2	67,6
2	1	1,5	69,1
4	8	11,8	80,9
5	6	8,8	89,7
6	5	7,4	97,1
7	1	1,5	98,5
8	1	1,5	100,0
Total	68	100,0	

1.3 Tempo de Intervenção dos comentadores

Número de Convidados	154
Medida	Hora:Minuto
Média	0:09
Moda	0:09
Mínimo	0:02
Máximo	0:21
Soma	23:09

1.4 Gênero dos Comentadores

Gênero	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Masculino	130	84,4	84,4
Feminino	24	15,6	100,0
Total	154	100,0	

1.5 Profissão dos Comentadores

Grupo Profissional do Comentador	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Profissões das Forças Armadas	1	,6	,6
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	90	58,4	59,1
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	63	40,9	100,0
Total	154	100,0	

2. Os Comentadores *Fórum* na TSF e no *Opinião Pública* da SIC

Notícias

2.1 Medida de Tendência Central e de Dispersão: moda, mínimo, máximo e soma

	Opinião Pública	Fórum TSF
Número de Emissões	47	21
Moda	1	4
Mínimo	0	4
Máximo	2	8
Soma	47	107

2.2 Frequência de número de comentadores

Fórum TSF

Número de Comentadores	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
4	8	38,1	38,1
5	6	28,6	66,7
6	5	23,8	90,5
7	1	4,8	95,2
8	1	4,8	100,0
Total	21	100,0	

Opinião Pública

Número de Comentadores	Frequência	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
0	1	2,1	2,1
1	45	95,7	97,9
2	1	2,1	100,0
Total	47	100,0	

2.3 Tempo de Intervenção

Medidas de Tendência Central e de Dispersão

	Fórum	Opinião Pública
Número de comentadores	107	47
Medida	Hora: Minuto	
Média	0:07	0:12
Moda	0:07	0:13 ^a
Mínimo	0:02	0:02
Máximo	0:21	0:18

Soma	12:59	10:10
-------------	-------	-------

2.4 Distribuição dos comentadores por área temática da emissão

Fórum TSF

		Numero de Convidados					Total
		4	5	6	7	8	
Área Temática	Economia	1	3	3	1	1	9
	Política	6	0	1	0	0	7
	Saúde	0	1	0	0	0	1
	Sociedade Civil	1	2	1	0	0	4
Total		8	6	5	1	1	21

Opinião Pública

		Numero de Convidados			Total
		0	1	2	
Área Temática	Economia	0	12	0	12
	Política	1	10	0	11
	Desporto	0	14	0	14
	Ambiente	0	1	0	1
	Educação	0	2	0	2
	Saúde	0	2	1	3
	Justiça	0	1	0	1
	Sociedade Civil	0	3	0	3
Total		1	45	1	47

2.5 Nome dos Comentadores e Frequência de Participação

Fórum TSF

António Costa	5
Bruno Proença	5
António Perez Metelo	4
Paulo Baldaia	4
Pedro Adão e Silva	4
Pedro Marques Lopes	4
David Diniz	3
Paulo Sá	3
Pedro Filipe Soares	3
Ana Vieira	2
António Costa Pinto	2
António Saraiva	2
Domingues de Azevedo	2
Helena Garrido	2
João Duque	2
João Vieira Lopes	2
José Reis	2
Mariana Mortágua	2
Paula Bernardo	2
Agostinho Lopes	1
Ana Avoila	1
Ana Vieira CGTP	1
António Galamba	1
António Leitão Amaro	1
Arménio Carlos	1
Artur Trindade	1
Carlos Amorim	1
Carlos Folhais	1
Carlos Silva	1
Eduardo Rodrigues	1
Eurico Dias	1
Fernando Leal da Costa	1
Hélder Amaral	1
Helena Rodrigues	1

Ilídia Jorge	1
João Brito	1
João Marcelino	1
João Oliveira	1
Joaquim Dionísio	1
Joaquina Madeira	1
Jorge Machado	1
Jorge Monteiro	1
José Alves da Silva	1
José Augusto Oliveira	1
José Gomes Teixeira	1
José Magalhães	1
José Manuel Silva	1
Lúcia Leite	1
Manuel Canavarro	1
Manuel Frasquilho	1
Manuel Lemos	1
Maria Teresa Horta	1
Mota Andrade	1
Nuno Encarnação	1
Nuno Matias	1
Nuno Pereira Sousa	1
Orlando Alves	1
Padre Adelino Maia	1
Padre Jardim Moreira	1
Paula Gil	1
Paulo Amado Campos	1
Paulo Ralha	1
Paulo Trigo Pereira	1
Pedro Marques	1
Pedro Mexia	1
Pedro Soares	1
Ricardo Pedroso Gomes	1
Sónia Fertusinhos	1
Vasco Lourenço	1
Viriato Marques	1
Vitor Almeida	1

Opinião Pública

Nome do Comentador	Frequência
Álvaro Santos Almeida	1
Ana Rita Antunes	1
António Cancela	1
Avelino Jesus	1
Conceição Gomes	1
Ernesto Pinto	1
Jaime Marta Soares	1
João Fontes	1
João Landeira Vaz	1
José Adelino Maltez	1
José Manuel da Silva	1
José Manuel Silva	1
Júlio Martins-Mourão	1
Luísa Waldher	1
Manuel Pedro Gomes	1
Maria do Carmo Vieira	1
Mariana Oliveira	1
Natália Nunes	1
Paula Santos	1
Paulo Guinote	1
Paulo Moreira	1
Paulo Pena	1
Pedro Candeias	1
Ricardo Pereira	1
Teresa Garcia	1
Vítor Costa	1
Costa Martins	2
Filipe Luís	2
Mário Caldeira Dias	2
Paulo Curado	2
António Costa Pinto	3
João Rosado	3
Pedro Sousa Carvalho	3
Joaquim Rita	4
Total	47

2.6 Género dos Comentadores

Género	Fórum TSF		Opinião Pública	
	Frequência	Percentagem (%)	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	91	85	39	83
Feminino	16	15	8	17
Total	107	100	47	100

2.7 Profissão dos Comentadores

Grupo Profissional	Fórum TSF		Opinião Pública	
	Frequência	Percentagem (%)	Frequência	Percentagem (%)
Profissões das Forças Armadas	1	0,9	0	0
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	79	73,8	11	23,4
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	27	25,2	36	76,6
Total	107	100	47	100

2.8 Caracterização do Comentário

Ligação ao Tema

Ligação ao tema	Fórum TSF		Opinião Pública	
	Frequência	Percentagem (%)	Frequência	Percentagem (%)
Actor	58	54,2	10	21,3
Observador	49	45,8	37	78,7
Total	107	100	47	100

Tipo de Comentador

Tipo de Comentador	Fórum TSF		Opinião Pública	
	Frequência	Percentagem (%)	Frequência	Percentagem (%)
Regular	12	11,2	4	8,5
Especialista	21	19,6	5	10,6
Jornalista ou Ensaísta	21	19,6	18	38,3
Comprometido	53	49,5	20	42,6
Total	107	100	47	100,0

Tipo de Mensagem

Tipo de Mensagem	Fórum TSF		Opinião Pública	
	Frequência	Percentagem (%)	Frequência	Percentagem (%)
Informativa	33	30,8	6	12,8
Opinativa	68	63,6	16	34,0
Técnica	6	5,6	25	53,2
Total	107	100	47	100,0

Aparição do Comentador

Aparição do Comentador	Fórum TSF		Opinião Pública	
	Frequência	Percentagem (%)	Frequência	Percentagem (%)
Regular	35	32,7	13	27,7
Ocasional	72	67,3	34	72,3
Total	107	100	47	100

Carácter do Comentário

Carácter do Comentário	Fórum TSF		Opinião Pública	
	Frequência	Percentagem (%)	Frequência	Percentagem (%)
Instrumental	51	47,7	1	2,1
Neutral	30	28	9	19,1
Preventivo	10	9,3	14	29,8
Activo	16	15	23	48,9
Total	107	100	47	100